



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO

CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS – CCSO

CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL – RELAÇÕES PÚBLICAS

JULLIE VITÓRIA RAMOS BRITO SÁ

RAFAEL ÍTALO SERRA ASSUNÇÃO

DA COMUNICAÇÃO À MOBILIZAÇÃO:

PROJETO DE AÇÃO PARA O INSTITUTO ESTRELINHAS DO AMANHÃ

São Luís – MA

2025

Jullie Vitória Ramos Brito Sá

Rafael Ítalo Serra Assunção

**DA COMUNICAÇÃO À MOBILIZAÇÃO:
PROJETO DE AÇÃO PARA O INSTITUTO ESTRELINHAS DO AMANHÃ**

Trabalho de Conclusão de Curso, na modalidade Projeto Experimental, apresentado ao curso de Comunicação Social - Relações Públicas da Universidade Federal do Maranhão - UFMA, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Relações Públicas.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Maria do Carmo Prazeres Silva

São Luís – MA

2025

Jullie Vitória Ramos Brito Sá

Rafael Ítalo Serra Assunção

**DA COMUNICAÇÃO À MOBILIZAÇÃO:
PROJETO DE AÇÃO PARA O INSTITUTO ESTRELINHAS DO AMANHÃ**

Trabalho de Conclusão de Curso, na modalidade Projeto Experimental, apresentado ao curso de Comunicação Social - Relações Públicas da Universidade Federal do Maranhão - UFMA, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Relações Públicas.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Maria do Carmo Prazeres Silva

Aprovados em: 8 de agosto de 2025

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Maria do Carmo Prazeres Silva

Doutora em Comunicação Social/UFMA

Universidade Federal do Maranhão

Prof^a. Dr^a. Francinete Louseiro de Almeida

Doutora em Comunicação Social/UFMA

Universidade Federal do Maranhão

Prof^a. Dr^a. Kamila de Mesquita Campos Pessoa

Doutor em Comunicação Social/UFMA

Universidade Federal do Maranhão

AGRADECIMENTOS

De Jullie

Acredito que não conseguiria agradecer a todos que me ajudaram e me apoiaram durante esses anos, me sinto afortunada por todo amor e carinho que recebo. Agradeço, em primeiro lugar, a Deus, que me guiou e me guia nesta minha caminhada de vida.

Agradeço a minha família amada, que é minha base, meu primeiro vínculo de amor, os que mais amo na vida. À minha mãe, Julia, que é meu exemplo de força e fé, sou grata por todas as conversas e apoio. Agradeço (*in memoriam*) ao meu pai, Luís Roberto, que sempre sonhou em me ver formar, mas nos deixou tão cedo, entretanto sou grata por saber que você conseguiu acompanhar o início dessa jornada comigo e sempre acreditou no meu potencial.

Aos meus irmãos, Paulo, Juliana, Asafe e Eloah, que alegram minha vida. Aos meus avós, João, Justina e Lucimar, por todo apoio e por sempre confiarem que seria capaz de viver momentos extraordinários. Às minhas tias e tios, Ademir, Alex, Darcylene, Lucile e Maria, por serem meu amparo e proteção, por nunca me deixarem solitária nesse mundo e sempre me lembrarem o quão capaz eu sou. Aos meus primos, Wallex, Otto e Emanuele, por toda parceria.

À todos os meus amigos que estiveram presentes nos meus dias mais felizes e nos meus dias difíceis também. Em especial, à minha melhor amiga, Ana Lourdes, sou grata por partilhar meus sonhos, alegrias, frustrações e meus pensamentos mais pessimistas sabendo que sempre serei acolhida e respeitada por você. Agradeço também ao meu grupo de amigos Apego (Ana, Carol, Eduardo, Karla, Lucivanda, Minga e Raimundo), por me proporcionar as melhores memórias que poderia ter. Ao meu grande amigo e parceiro que esse curso me apresentou, Rafael, você fez minha vida acadêmica mais feliz e leve. À todos os meus colegas e professores que me acompanharam nesses anos na UFMA.

Agradeço a Prof^a. Dr^a. Maria do Carmo Prazeres Silva, minha orientadora, por nos conduzir na realização desse projeto. E a Prof^a. Me. Amarilis Cardoso, por ser um grande exemplo de profissional e ser humano.

Agradeço por último e não menos importante, ao Instituto Estrelinhas do Amanhã por todo aprendizado que me foi oferecido, em especial a Ana Joangela, minha chefe, você é uma mulher inspiradora, cheia de luz, um exemplo de fé e caridade.

AGRADECIMENTOS

De Rafael

Escrevo estas palavras carregadas de profunda emoção e gratidão. Muitas pessoas fizeram parte da minha trajetória, e a cada uma delas sou imensamente grato.

Em primeiro lugar, agradeço aos meus pais. À minha mãe, Inalva, que sempre foi minha base, fonte constante de incentivo, apoio e cuidado. Ao meu pai, Expedito, por sua presença tão próxima em minha rotina acadêmica, sempre disposto a ajudar e oferecer suporte sempre que necessário.

Agradeço à Profª Drª Maria do Carmo Prazeres Silva, minha orientadora, pela valiosa orientação e dedicação na condução deste trabalho. Também agradeço a Profª. Me. Amarilis Cardoso, que durante todo o curso nos deu muito suporte e sempre esbanjando uma alegria contagiante.

Sou igualmente grato aos meus primos e tios, cujo apoio incondicional sempre me fortaleceu. Em especial, agradeço ao meu tio Jaldenir (in memorian). Mesmo não estando mais entre nós, sinto sua presença e cuidado com toda a família.

Aos colegas que compartilharam comigo os anos de universidade, meu sincero agradecimento. Em especial ao amigo Wilker, cuja amizade e companheirismo foram constantes desde os primeiros dias da faculdade.

Registro também minha gratidão à Diretoria de Comunicação da UFMA, especialmente à Coordenação de Relações Públicas e Cerimonial, setor que se tornou minha segunda casa. Agradeço por todo o aprendizado e pelas amizades construídas. Agradeço, de modo especial, aos colegas e ex-colegas bolsistas, e também à Raquel, Kamila, Sanndila, Thyago e Beatriz, cuja dedicação, parceria e exemplo foram fundamentais para minha formação enquanto futuro profissional de Relações Públicas.

Por último agradeço a minha dupla de universidade e de tcc, Jullie, que durante todo o curso foi uma grande fonte de alegria e segurança. Minha trajetória acadêmica não teria sido tão alegre sem ela.

RESUMO

A comunicação desempenha um papel importante na mobilização social, na escuta ativa, no fortalecimento de vínculos, principalmente em ambientes vulneráveis. Nas escolas de comunidades menos favorecidas, essa ferramenta torna-se mais especial ainda, visto que a participação das famílias é impactada por diversos fatores, condições sociais, econômicas e culturais. Este trabalho propõe um Projeto de Ação com base em uma perspectiva educomunicativa para o Instituto Estrelinhas do Amanhã, localizado na zona periférica de São José de Ribamar/MA. O projeto apresenta um produto estratégico: um calendário com atividades culturais. Com o intuito de fortalecer o sentimento de pertencimento e a reconhecer a cultura local como elemento mobilizador. Este TCC se propõe a ser uma ferramenta de comunicação e transformação social, reposicionando o elo entre escola e comunidade e reafirmando o papel das Relações Públicas como mediadoras do diálogo, da escuta e participação ativa.

Palavras-chave: Comunicação, Mobilização Social, Relações Públicas Comunitárias, Educomunicação.

ABSTRACT

Communication plays an important role in social mobilization, active listening, and strengthening bonds, especially in vulnerable settings. In schools in disadvantaged communities, this tool becomes even more important, as family participation is impacted by various social and cultural factors and conditions. This paper proposes an Action Project based on an educommunicative perspective for the Instituto Estrelinhas do Amanhã, located in the outskirts of São José de Ribamar, Maranhão. The project features a strategic product: a calendar of cultural activities. The project aims to strengthen a sense of belonging and the appreciation of local culture as a mobilizing element. This thesis aims to be a tool for communication and social transformation, repositioning the link between school and community and reaffirming the role of Public Relations as a mediator of dialogue, listening, and active participation.

Keywords: Communication, Social Mobilization, Community Public Relations, Educommunication.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Etapas da Pesquisa-Ação -----	33
Tabela 2 – Roteiro para a entrevista estruturada com a diretoria, coordenação e funcionários -----	34
Tabela 3 – Roteiro para a entrevista estruturada com os pais e responsáveis -----	36
Tabela 4 – Análise SWOT -----	49
Tabela 5 – Respostas dos funcionários sobre a realidade social e contexto comunitário -----	50
Tabela 6 – Respostas dos funcionários sobre o impacto social da escola ----	52
Tabela 7 – Respostas dos funcionários sobre a participação das famílias nas atividades escolares -----	59
Tabela 8 – Respostas dos funcionários sobre a comunicação entre escolas e responsáveis -----	63
Tabela 9 – Respostas dos funcionários sobre a representatividade cultural e identidade -----	67
Tabela 10 – Respostas dos funcionários sobre propostas de melhorias -----	69
Tabela 11 – Respostas dos pais sobre o contexto familiar e comunitário ----	71
Tabela 12 – Respostas dos pais sobre a relação da família com a escola ---	73
Tabela 13 – Respostas dos pais sobre a comunicação e participação -----	76
Tabela 14 – Respostas dos pais sobre sugestões e expectativas -----	79

Tabela 15 – Respostas dos pais sobre perguntas sobre a dinâmica familiar e relação com a criança -----	81
Tabela 16 – Recursos Materiais para Produção do Calendário -----	84
Tabela 17 – Recursos Humanos para Produção do Calendário -----	84
Tabela 18 – Recursos Materiais para Almoço com Famílias -----	86
Tabela 19 – Recursos Humanos para Almoço com Famílias -----	87
Tabela 20 – Recursos Materiais para Passeio Escolar -----	88
Tabela 21 – Recursos Humanos para Passeio Escolar -----	89

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Desenho Metodológico -----	40
Figura 2 – Logo do Instituto Estrelinhas do Amanhã -----	41
Figura 3 – Instagram da Escola -----	45
Figura 4 – Imagens dos Grupos de Whatsapp destinado aos Responsáveis -----	46
Figura 5 – Imagens do Grupo de Whatsapp dos Funcionários da Escola -----	46
Figura 6 – Calendário acadêmico para o segundo semestre de 2025 -----	84

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 REVISITANDO O CONCEITO DE COMUNIDADE	13
2.1 Comunidade e Sociedade – Conceituação de teóricos clássicos	13
2.2 Adentrando os novos conceitos de comunidade	15
2.3 Globalização e as Redefinições de Espaço	16
2.4 Sociedade e Comunidades em Redes	17
3 O PODER DA COLETIVIDADE: A FORMAÇÃO DA MOBILIZAÇÃO SOCIAL	18
3.1 Construção da Identidade/Identificação	19
3.2 Co-responsabilidade como base de movimentos sociais	20
3.3 Movimentos sociais no Brasil Contemporâneo	22
4 CONTEXTUALIZANDO O TERCEIRO SETOR	24
4.1 Caracterização do conceito de Terceiro Setor e seu estabelecimento na sociedade civil	25
4.2 A Comunicação no Terceiro Setor	28
4.2.1 As Relações Públicas Comunitárias	28
5 EDUCOMUNICAÇÃO	29
6 ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS	32
6.1 Fase de Exploração	34
6.1.1 Entrevista Estruturada	34
6.2 Fase de Planejamento	39
6.3 Fase de Ação	39
7 APRESENTAÇÃO DA ORGANIZAÇÃO	40
7.1 A comunidade em que está inserida	42
7.2 Briefing Fundamentado	44
7.2.1 Atividades do Instituto Estrelinhas do Amanhã	44
7.3 Diagnóstico	47

7.4 Análise de Cenário -----	47
7.5 Análise SWOT -----	49
8 REALIZAÇÃO DAS ENTREVISTAS ESTRUTURADAS -----	50
8.1 Resultado das Entrevistas com Funcionários -----	50
8.2 Resultado das Entrevistas com Responsáveis -----	71
9 PRODUTO DE COMUNICAÇÃO: CALENDÁRIO ACADÊMICO DA INSTITUIÇÃO -----	82
9.1 Justificativa -----	82
9.2 Duração -----	82
9.3 Objetivo Geral -----	82
9.4 Objetivos Específicos -----	83
9.5 Público de Interesse -----	83
9.6 Estratégias de Implementação -----	83
9.7 Checklist de Ações -----	83
9.8 Protótipo do Calendário -----	83
9.9 Recursos -----	84
9.10 Parâmetros de Avaliação -----	84
9.11 Exemplificação de algumas ações do calendário -----	85
9.11.1 Almoço com as Famílias -----	85
9.11.1.1 Justificativa -----	85
9.11.1.2 Duração -----	85
9.11.1.3 Objetivo Geral -----	85
9.11.1.4 Objetivos Específicos -----	85
9.11.1.5 Público de Interesse -----	85
9.11.1.6 Estratégia de Implementação -----	85
9.11.1.7 Checklist de Ações -----	86
9.11.1.8 Recursos -----	86
9.11.1.9 Parâmetros de Avaliação -----	87
9.11.2 Passeio Escolar -----	87
9.11.2.1 Justificativa -----	87
9.11.2.2 Duração -----	87

9.11.2.3 Objetivo Geral -----	87
9.11.2.4 Objetivos Específicos -----	87
9.11.2.5 Público de Interesse -----	88
9.11.2.6 Estratégia de Implementação -----	88
9.11.2.7 Checklist de Ações -----	88
9.11.2.8 Recursos -----	88
9.11.2.9 Parâmetros de Avaliação -----	89
10 CONSIDERAÇÕES FINAIS -----	89
REFERÊNCIAS -----	91
ANEXO A – Imagem de Satélite da localização do Instituto -----	94

1 INTRODUÇÃO

Entre o final do século XIX e o início do século XX, teóricos como Tönnies, Durkheim e Weber refletiram sobre o conceito de comunidade diante das mudanças sociais de seu tempo. Tönnies diferenciou a comunidade, baseada em laços afetivos e tradições, da sociedade, formada por relações impessoais e utilitárias, consequência da industrialização. Durkheim contribuiu com os conceitos de solidariedade mecânica e orgânica, explicando como os vínculos sociais evoluíram da semelhança entre indivíduos para a interdependência funcional. Já Weber destacou os aspectos simbólicos e emocionais das ações sociais, entendendo a comunidade como resultado de sentimentos de pertencimento e solidariedade. Essas contribuições mostram que, apesar das transformações modernas, os laços comunitários continuam essenciais para a vida coletiva.

Com o tempo, esses conceitos foram sendo revisitados à luz das transformações sociais e tecnológicas. O avanço da globalização e da comunicação digital permitiu a formação de comunidades que extrapolam limites geográficos, criando vínculos baseados em interesses comuns, identidades compartilhadas ou causas coletivas. No entanto, apesar da expansão do conceito de comunidade para o espaço virtual, a comunidade territorial, a qual é enraizada no espaço físico, continua tendo um papel essencial, especialmente em contextos marcados por desigualdades socioeconômicas, como é o caso das comunidades periféricas brasileiras.

Nesse contexto, é importante ressaltar que as comunidades locais não perderam sua força ou relevância. Pelo contrário, em muitos casos, elas se tornam o principal espaço de acolhimento, apoio e resistência. A identificação territorial, a vivência comum e o enfrentamento de desafios semelhantes são elementos que fortalecem os laços entre os membros dessas comunidades. Em regiões periféricas, a união se torna não apenas uma escolha, mas uma estratégia de sobrevivência. Dessa articulação social surgem iniciativas coletivas, muitas vezes organizadas de forma espontânea ou por meio de movimentos sociais, que podem dar origem a instituições como associações comunitárias, cooperativas e organizações não governamentais (ONGs).

Foi dentro dessa lógica comunitária em que foi feito o atual projeto experimental intitulado Da Comunicação à Mobilização: projeto de ação para o instituto estrelinhas do

Amanhã. O instituto é uma escola filantrópica localizada no município de São José de Ribamar (MA), que atua com crianças de zero a seis anos de idade. A escola está inserida em um território periférico, onde a articulação comunitária tem papel crucial na promoção da cidadania e no enfrentamento das vulnerabilidades sociais. A proposta deste trabalho é justamente investigar, por meio de uma abordagem educomunicativa, como as relações públicas podem contribuir estrategicamente para o fortalecimento dos vínculos entre a escola e a comunidade e para a transformação social.

Ao longo do processo de imersão, observou-se um problema recorrente: a baixa participação dos responsáveis no cotidiano escolar. Essa ausência de engajamento compromete a relação escola-família-comunidade, essencial para o desenvolvimento integral das crianças. A partir disso, optou-se por realizar uma pesquisa de abordagem qualitativa, com caráter exploratório e fundamentada na metodologia da pesquisa-ação, buscando compreender a realidade dos responsáveis e, com base nesse diagnóstico, propor produtos comunicacionais que dialoguem com suas vivências e fortaleçam os vínculos com a instituição.

Assim, este trabalho busca não apenas oferecer soluções práticas para um problema específico da escola, mas também contribuir para a reflexão sobre o papel das relações públicas em contextos comunitários, mostrando como a comunicação pode ser um instrumento estratégico de transformação social e fortalecimento das redes locais de apoio.

2 REVISITANDO O CONCEITO DE COMUNIDADE

A ideia de comunidade está sob a compreensão da sociedade há anos e serve como base para entender as interações humanas, mas sua noção remodela-se e adapta-se à medida que o tempo avança. Segundo Peruzzo e Volpato (2009, p. 140), qualquer agrupamento tem sido chamado de comunidade, trazendo uma confusão conceitual que enfraquece seu significado. Nesse sentido, é interessante revisitar os conceitos oferecidos por estudiosos clássicos e atuais que contribuem na compreensão e análise das dinâmicas e relações sociais, colaborando para o desenvolvimento do nosso projeto. Pode-se observar como o nosso cliente, o Instituto Estrelinhas do Amanhã, trabalha como um lugar de interação e solidariedade e reforça a importância da tessitura de vínculos entre entidades e sujeitos interagentes, prospectando o sentimento de pertencimento e cooperação em prol de objetivos comuns.

2.1 Comunidade e Sociedade – Conceituação de teóricos clássicos

Entre o final do século XIX e o início do século XX, pensadores como Max Weber, Émile Durkheim e Ferdinand Tönnies criaram suas teorias, cada uma com uma perspectiva diferente, influenciada por mudanças sociais e econômicas daquele tempo. Tönnies apresenta uma visão geral sobre a distinção entre comunidade e sociedade, Durkheim complementa com sua percepção sobre os tipos de solidariedade e Weber destaca aspectos subjetivos e simbólicos sobre a comunidade, ação social e o processo de racionalização.

Para Tönnies (1973, p. 98), a comunidade é caracterizada “segundo a natureza das relações necessárias e determinadas entre os diferentes indivíduos que dependem um dos outros”, ligados por laços afetivos, emocionais, tradições e uma visão coletiva de mundo, como aqueles vividos em grupos familiares, vilarejos, comunidades religiosas, onde os interesses são subordinados ao bem coletivo. Enquanto a sociedade se forma a partir de relações impessoais e utilitárias orientados por interesses individuais e conveniências. O autor interpreta essa transformação como resultado da industrialização e urbanização, que deslocaram as relações humanas de um espaço de intimidade para um contexto de funcionalidade e individualismo.

Max Weber (1987, p. 142), conceitua comunidade de forma que permite compreender algo semelhante quando diz que chamamos de comunidade a uma relação social na medida em que a orientação da ação social, na média ou no tipo-ideal, baseia-se em um sentido de solidariedade: o resultado de ligações emocionais ou tradicionais dos participantes.

Peruzzo e Volpato (2009, pág. 141) apontam ainda que tanto para Weber quanto para Tönnies, “a maioria das relações sociais participa em parte da comunidade e em parte da sociedade”. Para eles, a ideia de comunidade é apresentada como uma tipologia. Weber ressalta que “comunidade só existe propriamente quando, sobre a base desse sentimento [da ação comum], a ação está reciprocamente referida – não bastando a ação de todos e de cada um deles frente a mesma circunstância – e na medida em que esta referência traduz o sentimento de formar um todo.” (Weber, 1973, p. 142)

Durkheim complementa essa análise quando apresenta os conceitos de solidariedade. A solidariedade mecânica surge das semelhanças entre indivíduos e estabelece uma conexão direta entre cada pessoa e a sociedade como um todo, “existe uma solidariedade social proveniente do fato de que certo número de estados de consciência é comum a todos os membros da mesma sociedade. É ela que o direito repressivo figura materialmente, pelo menos no que ela tem de essencial.” (Durkheim, 1999, p. 83)

Esse tipo de solidariedade é típica das comunidades tradicionais, onde todos compartilham os mesmos valores, crenças e modos de vida. Em contrapartida, ele apresenta a solidariedade orgânica, que surge nas sociedades modernas, a especialização das funções e a interdependência entre as pessoas dão origem a uma nova forma de coesão social. Durkheim (1999) pensa que:

Vê-se em que consiste essa solidariedade real: ela liga diretamente as coisas às pessoas, mas não as pessoas entre si. A rigor, podemos exercer um direito real crendonos sozinho no mundo, fazendo abstração dos outros homens. Por conseguinte, como é apenas por intermédio das pessoas que as coisas são integradas na sociedade, a solidariedade que resulta dessa integração é totalmente negativa. (Durkheim, 1999, p. 91)

Essa transição, segundo o autor, é um reflexo da especialização crescente nas sociedades industriais, que exige uma nova forma de vínculo social para manter a estabilidade e complementa que “a solidariedade negativa só é possível onde existe uma outra, de natureza positiva, de que é, ao mesmo tempo, a resultante e a condição”.

Ao explorar os conceitos oferecidos por esses teóricos, é perceptível que o desafio de equilibrar a individualidade e o coletivo, razão e emoção, é uma constante na história humana. As análises de Tönnies, Durkheim e Weber fornecem instrumentos importantes para compreender as mudanças nas relações sociais e a complexidade das comunidades atuais.

2.2 Adentrando os novos conceitos de comunidade

Muitas das novas mudanças contemporâneas no âmbito das redes sociais são propiciadas pelos avanços tecnológicos que, por sua vez, propiciaram a evolução dos meios de comunicação, influenciaram de forma significativa a convivência em sociedade e, em decorrência disto, modificaram os paradigmas das ciências sociais, englobando o conceito de comunidade. Conforme Yamamoto (2014, pág. 439), a conceituação adotada sobre a comunidade será determinada pelo contexto em que está sendo analisada. A comunicação comunitária, que se apossa dos conceitos de comunidade propostos por Durkheim, Tönnies, Weber e outros, tem o costume de atribuir o termo às pessoas marginalizadas pela sociedade, como as pessoas que moram em torno do Instituto Estrelinhas do Amanhã, e utilizam os aparelhos técnicos comunicacionais disponíveis por este grupo de pessoas para dar visibilidade para suas demandas. Entretanto, Martin Buber (1987, pág. 39) já alertava que a comunidade não

pode ser mais limitada por laços de sangue ou laços territoriais e sim baseada nas suas escolhas, já prevendo as novas concepções do termo comunidade.

Paiva (2007, pág. 135) também segue o mesmo pensamento, podendo ser em embasado quando ela afirma que a formação de uma comunidade pelo contexto familiar já está em desuso no mundo acadêmico pela própria mudança da catalogação deste termo e segunda a autora, pode ter até mesmo ter sido assimilada por outros estágios de ligação em indivíduos.

Marcos Palácios (2001, pág. 4) define que os principais elementos na formação da comunidade são: a) sentimento de pertencimento; b) sentimento de comunidade; c) permanência; d) territorialidade (real ou simbólica); e) forma própria de comunicação entre seus membros por meios e veículos específicos. Palácios também diz:

O sentimento de pertencimento, elemento fundamental para a definição de uma Comunidade, desencana-se da localização: é possível pertencer à distância. Evidentemente, isso não implica a pura e simples substituição de um tipo de relação (face-a-face) por outro (a distância), mas possibilita a co-existência de ambas as formas, com o sentimento de pertencimento sendo comum às duas (Palácios, 2001, pág. 7).

Isto vislumbra a ideia do território como algo simbólico, que ganha muita relevância para uma realidade onde a globalização e avanço dos meios de comunicação, possibilitando um pertencimento à distância. Como diz Castells (2010, pág. 59), já não há uma clara diferenciação entre a lógica de poder na rede global e em comunidades específicas, fruto da globalização e das redes sociais digitais, que são conceitos fundamentais para entender as novas problemáticas que envolvem a comunidade, pois elas nos fazem repensar a relação do local e do global.

2.3 Globalização e as Redefinições de Espaço

A globalização não é algo novo. Na década de 1980 já aconteciam diversos estudos sobre sua natureza em relação aos aspectos políticos, sociais e culturais (Ferrari, 2015, pág. 45), mas até o final do século e início dos anos de 1990, as suas problemáticas não abrangiam as ciências sociais. O interesse primário surge nos Estados Unidos, sendo condizente com a sua posição hegemônica perante as relações globais (Ortiz, 2009, pág. 232). As obras mais clássicas acreditam que o processo de globalização é a homogeneização das diferentes sociedades (Ferrari, 2015, pág. 45), entretanto isto se mostra inviável quando diferentes nações não possuem os mesmos contextos e não percebem a realidade de maneira idêntica.

Este fato pode ser exemplificado com a própria linha de pesquisa das ciências sociais. No século XX, quando os pesquisadores latino-americanos se inserem nas discussões sociológicas, seus objetos de pesquisa eram: oligarquias, mestiçagem, religiosidade popular e sincretismo religioso, enquanto os pesquisadores que nasceram em países desenvolvidos abordavam a fábrica, cidade, a divisão do trabalho, a racionalização das empresas e contraste entre indústria e comunidade (Ortiz, 2009, pág. 233). Este exemplo evidencia que o contexto social e mercadológico influencia e consegue interferir até mesmo no espaço acadêmico. Isto reforça o conceito mais recente de globalização, sendo um processo que impulsiona a heterogeneização do mundo e estando diretamente ligada à hibridização, onde as culturas coexistem na sociedade, sendo este o conceito da multiculturalidade (Ferrari, 2015, pág. 45).

Esta conjuntura gera a necessidade de aprimoramento da ideia de território no contexto das comunidades. A principal problemática é que um lugar não pode restringir apenas seu sentido territorial. Demarcações culturais, históricas, linguísticas, políticas, jurídicas, de fluxo informacional e econômico. Pela inter-relações entre comunidade, local e região há uma dificuldade em delimitar as fronteiras (Peruzzo; Volpato, 2009, pág. 144). Sobre esse tema, Bourdin (2001, pág. 13) afirma:

As delimitações da localidade são múltiplas e contingentes. A vizinhança, o bairro, a cidade ou a região urbana constituem pontos de referência relativamente estáveis, mas, conforme os contextos, estes níveis se definem diferentemente, e muitas coisas ou quase nada pode ocorrer aí. (Bourdin, 2001, pág. 13)

De acordo com Bourdin e Peruzzo, o território não é algo imutável, mas sim um conceito dinâmico. Demarcações físicas se tornam efêmeras e transitórias, em razão disso, fatores como rios, montanhas e vales não serão quesitos que poderão definir uma localidade, sendo necessário ser analisado questões políticas, culturais e históricas (Peruzzo; Volpato, 2009, pág. 144). Além disso, a já mencionada globalização também afeta as ideias de local/global, local/nacional e local/nacional. Antes ideias opostas, agora se interligam pelo fluxo nas próprias comunidades. Isto resulta, por exemplo, na influência do global no âmbito local, sendo este fato amplificado pelo avanço das redes sociais digitais.

2.4 Sociedade e Comunidades em Redes

Com o avanço da tecnologia, a dinâmica social transformou-se, criando um novo espaço de interação. Castells (2003, pág. 10) diz que “nossas vidas são profundamente afetadas por essa

nova tecnologia da comunicação”, a organização a partir de redes “constituem a nova morfologia social de nossas sociedades, e a lógica de difusão das redes modifica substancialmente a operação e os resultados em processos de produção, experiência, poder e cultura”(Castells, 2010, pág. 500), evidenciando a interconexão entre indivíduos e grupos, promovendo um espaço híbrido onde fronteiras tradicionais tornam-se mais fluídas.

Complementando essa visão, Bauman (2010) observa que a modernidade, embora concebida como um período de movimento e transformação, tinha como meta alcançar uma sociedade estável e solidamente enraizada. Para Bauman:

A modernidade era uma concepção de movimento e mudança que acabaria por fazer das movimentações e transformações algo redundante, obrigando-as a operar fora de suas próprias atividades - uma concepção de movimento e mudança, mas com uma linha de chegada. O horizonte que a modernidade mirava era a visão de uma sociedade estável, solidamente enraizada, da qual qualquer desvio mais acentuado apenas pode ser uma mudança para pior. (Bauman, 2010, p. 12)

No entanto, a fluidez promovida pelas redes contemporâneas desafia esse ideal, desestabilizando as estruturas sólidas e incentivando um constante estado de transformação.

Raquel Recuero (2009, p. 113) também reforça esse panorama ao afirmar que “o surgimento da internet proporcionou que as pessoas pudessem difundir as informações de forma mais rápida e mais interativa”. Segundo a autora, essa transformação deu origem a novos canais de comunicação e uma pluralidade de informações circulando nos grupos sociais, potencializada por ferramentas de publicação pessoal, como blogs, fotologs e mesmo o Youtube. (Recuero, 2009, p. 113)

Dessa forma, a interconexão proporcionada pelas redes sociais e a fluidez das relações na modernidade criam um cenário favorável para a organização e o engajamento coletivo, transformando interações virtuais em ações concretas, fortalecendo a participação comunitária e promovendo mudanças.

3. O PODER DA COLETIVIDADE: A FORMAÇÃO DA MOBILIZAÇÃO SOCIAL

Segundo Mafra (2010, p. 107) a mobilização social é uma das principais formas de promover a emancipação social, fornecendo liberdade e autonomia para a comunidade. Trata-se de um processo que envolve não apenas ações coletivas, mas também a construção de um senso de pertencimento e responsabilidade. O autor também adiciona que este processo pode ser

considerado complexo e não acontecendo de maneira linear, pois estar ciente das ações da organização não garante o seu engajamento. O sujeito precisa compartilhar a causa de maneira intersubjetiva com outras pessoas.

Nesse sentido, a mobilização social pode ser compreendida como “a reunião de sujeitos que definem objetivos e compartilham sentimentos, conhecimentos e responsabilidades para a transformação de uma dada realidade, movidos por um acordo em relação a determinada causa de interesse público” (Mafra, Henriques e Braga, 2004, p. 36). Essa definição reforça a ideia de que a mobilização não é apenas uma ação coletiva, mas um movimento em que os indivíduos, unidos por uma causa, se tornam agentes de mudança, mas requer planejamento, sensibilidade e uma abordagem que priorize as conexões interpessoais. Tendo isso em mente, é necessário ter o entendimento de dois quesitos fundamentais para a mobilização social, que são: a identificação e corresponsabilidade.

3.1 Construção da Identidade/Identificação

Castells (1999, pág. 22) afirma que a identidade pode ser entendida como uma fonte de significado e experiência de um povo. Em relação aos atores sociais, a identificação “é o processo de construção de significado com base em atributos culturais inter-relacionados, o qual(ais) prevalece(m) sobre outras fontes de significados”. Denys (2002, pág. 182) complementa que “identidade é uma construção que se elabora em uma relação que opõe um grupo aos outros grupos com os quais está em contato”. O processo de identificação de um indivíduo só pode ser concretizado quando é feita uma comparação e diferenciação entre os demais povos e culturas, assim como uma pessoa só pode se ligar a uma cultura através da interação com os membros dela.

A identidade coletiva determinará as ações de grupos e como eles percebem a sua realidade. Esta será uma das bases para a formação de uma comunidade. A identidade não é algo estático o qual você adquire e mantém para o resto da vida, assim como um indivíduo se identifica com mais de um grupo, por isso o termo identificação ou processo identitário (Hall, 1993, pág. 11).

As instituições dominantes podem exercer influência na construção identitária, mas este processo é individual, sendo concretizado apenas quando o sujeito internaliza a visão de mundo e padronização de processos do grupo. Castells (1999, pág. 24) propõe três categorias de

formação e origens de identidades: identidade legitimadora, identidade de resistência e a identidade de projeto.

A Identidade legitimadora é estabelecida pelas instituições predominantes para racionalizar sua relação de poder sob os atores sociais, estabelecendo o seu domínio. Ela constitui a sociedade civil, a qual é composta por um sistema multifacetado de organizações, instituições e diferentes atores sociais, a reprodução de identidade, por vezes, racionaliza a dominação estrutural. Em nossa sociedade, a igreja, sindicatos, partidos, organizações empresariais e entidades cívicas podem ser considerados aparatos prolongam as relações de Estado, mas estão profundamente enraizados entre as pessoas (Castells, 1999, pág. 24-25).

Ao estabelecer uma identificação entre atores sociais que estão em situação de desvalorização perante a lógica de dominação, surge a identificação de resistência. A conexão entre os membros do grupo visa à sobrevivência, seguindo princípios diferentes, ou, até mesmo, contrários às que seguem as instituições dominantes da sociedade. Segundo Etzioni, esta pode ser a construção identitária mais importante, pois cria um amparo coletivo perante a opressão, que poderia não ser suportada apenas pelo indivíduo. O fundamentalismo religioso, comunidades territoriais e nacionalismo fundado na etnia são exemplos de construção de identidade defensiva (Castells, 1999, pág. 24-25).

Atores Sociais que utilizam materiais culturais e criam uma nova identidade capaz de alterar suas posições na sociedade, buscando uma transformação social, criam a identidade de projeto. O movimento feminista é um desses casos, pois ele combate o patriarcado e procura reestruturar as relações de produção, reprodução, sexualidade e personalidade impostas as mulheres. Nada impede que a identidade de resistência se transforme em identificação de projeto, podendo também se tornar legitimadora dependendo do seu grau de difusão (Castells, 1999, pág. 25-26). Entretanto apenas a identificação não será o suficiente para uma pessoa aderir à luta por interesses da comunidade, sendo necessário o sentimento de responsabilidade com a coletividade.

3.2 Corresponsabilidade como base de movimentos sociais

Quando entramos nas pesquisas mais recentes, é possível identificar uma ruptura do conceito de comunidade quanto ao papel e percepção do indivíduo dentro dela. Rodrigo Esposito se utiliza da semântica de palavras *Communitas*, analisando os radicais *cum* e *munus*. Segundo o mesmo, *cum* significa a presença se um outro, e *munus* pode ser dividido entre três

significados, *onus*, *officium* e *donum*. No caso do *donum* (dom) possui as mesmas raízes semânticas de palavras como dever, dívida e obrigação (Yamamoto, pág. 62). Nessa visão, a comunidade não é um presente, no qual o coletivo inatamente lhe deve. No lugar, o indivíduo possui o papel de dívida com o grupo o que propicia uma participação ativa na melhoria da comunidade, sendo um gatilho para o envolvimento em mobilizações sociais.

A comunicação e a construção de vínculos sólidos entre os participantes de projetos de mobilização social são importantes, segundo Henrique e Neto (2001, pág. 7) “Em projetos de mobilização social o esforço da comunicação deve orientar-se para criar e manter vínculos entre as pessoas que estejam dispostas a aderir à(s) causa(s) em questão”.

Os autores destacam também que “é necessário atingir um nível de corresponsabilidade dos atores como sendo o vínculo de maior força que possibilita alcançar em plenitude e de forma sólida e duradoura os objetivos pretendidos”, pois um projeto bem-sucedido deve incentivar ações concretas de cooperação e colaboração entre os cidadãos, permitindo que eles se sintam verdadeiramente envolvidos na busca por soluções para os problemas em questão. No entanto, a falta de corresponsabilidade pode levar a uma participação superficial e ocasional, comprometendo a eficácia da mobilização social em sua totalidade.

Quando a identidade e a corresponsabilidade são adicionadas ao interesse público, surgem os movimentos sociais. Segundo Maria Gohn (2000, pág. 11), para estas serem classificadas como tal, devem ser ações de maneira concreta e com organização. O movimento deve ter uma cultura histórica. Sobre isso Gohn diz:

Do exposto até o momento podemos tirar uma primeira dedução, a saber: movimento social refere-se à ação dos homens na história. Esta ação envolve um fazer - por meio de um conjunto de práticas sociais - e um pensar - por meio de um conjunto de ideias que motiva ou dá fundamento à ação. Trata-se de uma práxis, portanto. (Gohn, 2000, pág. 11)

Os movimentos sociais estão presentes em grande parte da vivência humana, sendo necessário o consciente coletivo e uma motivação para sua existência e a vontade de mudar a realidade em que os indivíduos se situam. A identidade de projeto, proposta por Castells, estará muito ligada ao processo de corresponsabilidade e quando este processo é transformado em ações concretas há maior possibilidade de melhorias que beneficiam a sociedade, tendo exemplos na história brasileira.

3.3 Movimentos sociais no Brasil Contemporâneo

Segundo Gohn (2000, pág. 15), a história brasileira é marcada pelo surgimento de movimentos sociais que vão de frente à dominação, tanto cultural quanto econômica, e posteriormente à luta contra a exclusão social. Desde o Brasil Colonial, há registros de movimentos de grupos como índios, negros e mestiços que habitavam vilarejos, assim como brancos pertencentes às classes médias que se apossaram de ideias libertárias para se posicionarem contra a presença europeia. Esse período histórico é muito marcado pela luta dos grupos de negros escravos e pela “ralé, que eram os indivíduos pobres e livres.

Na sociedade dessa época, a cadeia hereditária tinha em seu topo donos de engenho, militares, clero e um pouco abaixo os lavradores, mercadores e artesãos (Gohn, 2000, pág. 15). Alguns exemplos de movimentações sociais em prol de uma causa comum no Brasil Colônia e na fase do Império: Zumbi dos Palmares, Inconfidência Mineira, Conspiração dos Alfaiates, Revolução Pernambucana, Balaiada, Cabanagem, Revolução Praieira, Revolta de Vassouras, Quebra-Quilos, Canudos (Gohn, 2000, pág. 15).

Em um novo contexto de República do início do século XX, o sistema escravista já não existe, dando lugar à mão de obra assalariada. A classe dominante passa à elite agrária que tinha uma vinculação à burguesia inglesa. As duas décadas deste século, período marcado pela luta pela reivindicação pela melhoria dos serviços urbanos e pela reformulação de políticas públicas. Além disso, este é o momento em que movimentos trabalhistas ganham força, devido às condições precárias oferecidas pelas fábricas, abrangendo tanto o ambiente das fábricas quanto às moradias oferecidas aos funcionários. A soma de estas condições gera manifestações como a Revolta da Vacina e a Revolta da Chibata (Gohn, 2000, pág. 16).

Também é registrado um desejo pela melhora educacional e eleitoral com a criação de ligas nacionalistas, pelo voto secreto e pela expansão da educação. As motivações de mobilização iam para assuntos do dia a dia da população, como o aumento do preço do pão, colocação de trilhos para bondes e taxaço de bagagens.

Durante a ditadura militar, os movimentos de maior destaque são justamente aqueles que de se opunham ao regime, buscando a democratização da sociedade, arquitetado em sua maioria pelo movimento estudantil, entretanto o fato do poder estatal vigente na época ser autoritária e reprimir manifestações opositoras, movimentos de esquerda recorrerem à luta armada ou a

atividades clandestinas, como, por exemplo, a conscientização e educação da população em relação à democracia. (Warren, 2008, pág. 10).

Gohn (200, pág. 18) aponta que neste período a classe média brasileira chegou a usufruir de benefícios que a ditadura trouxe, como a expansão de instituições de ensino superior (pagas), acesso a bens de consumo de linhas brancas domésticas, como televisão e carros, além de ter sido criado o Banco Nacional da Habitação (BNH), facilitando a compra de imóveis. Também foi um período onde houve uma grande expansão industrial, estes pontos fazem com que a luta contra o sistema político não fosse uma unanimidade na sociedade brasileira. Entretanto, a partir de 1974 ocorre a crise internacional do petróleo que enfraquece o “milagre brasileiro” dando força aos movimentos opositivos, como movimentos pelos transportes, de favelados, pela legitimação do uso das suas terras, pela saúde nos centros de postos de saúde comunitários. Estes movimentos ainda se juntam às greves feitas nos períodos de 1978-1979.

O grande movimento civil em prol do interesse público que houve durante a ditadura militar e mudou os paradigmas políticos da época foi o movimento “Diretas Já”, no ano de 1984. Diferentemente do período do “milagre brasileiro”, neste momento, entre 1984 e 1988, tem um caráter mais homogêneo de protesto contra a ditadura militar e pela criação de uma nova constituição. O regime acaba pouco tempo depois, em 1989, e com ela a conquista de diversas leis que beneficiam mulheres, negros, índios, etc. (Gohn, 2000, pág. 19).

Após a transição do modelo político vigente, indo do regime ditatorial para a democracia representativa, as demandas da população mudaram, focando agora na ampliação dos direitos oferecidos pelo estado, propondo a inclusão de direitos civis na constituição. Há uma explosão de movimentos populares aproveitando o momento democrático do país. É durante este período, precisamente durante as décadas de 1980 e 1990, que as organizações do terceiro setor ganham força no contexto nacional (Warren, 2008, pág. 11).

Os movimentos sociais na contemporaneidade ganharam grande destaque, impulsionados pela incorporação da internet como ferramenta de amplificação de suas causas. As redes digitais facilitaram a mobilização de grupos específicos, permitindo que suas mensagens alcançassem um público mais amplo e diversificado. Segundo Warren (2008), nesse contexto globalizado, os movimentos sociais se fortalecem por meio da criação de redes e da atuação em ações organizadas, estando cada vez mais envolvidos em processos de formulação e influência nas políticas públicas. No entanto, a globalização não enfraqueceu os movimentos

ligados à terra, como demonstram o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) e os ativistas indígenas, que continuam atuando de forma significativa. Atualmente, coexistem múltiplas pautas e paradigmas, muitos dos quais foram amplificados pelas redes digitais. Essas dinâmicas têm impulsionado a criação de novas formas de organização, como as Organizações Não Governamentais (ONGs), que representam um dos frutos dessa articulação sociopolítica contemporânea.

4 CONTEXTUALIZANDO O TERCEIRO SETOR

Quando analisamos as motivações que impulsionaram a luta de diversos grupos sociais ao longo da história brasileira, identificamos um fator comum: a ineficácia do poder público em atender às necessidades básicas da população (Calegare e Silva-Junior, 2009, pág. 131). Evocando os conceitos de Castells, já abordados neste trabalho, temos as comunidades periféricas que são formadas baseadas na resistência e quando este processo é institucionalizado, temos a existência do terceiro setor.

Segundo Marcelo Calegare e Silva Junior (2009, pág. 132), podemos traçar a origem do terceiro setor nos Estados Unidos, país este marcado pela forte presença do filantropismo. Dentro do contexto americano, as instituições que praticavam a filantropia, como é o caso de associações voluntárias e fundações, passam a ser reconhecidas, sendo as “nonprofit sector”, que traduzindo para o português é o setor sem fins lucrativos. Entretanto, é apenas nos anos 70 que estas instituições passam a ser um setor estabelecido na sociedade. Este processo foi beneficiado pela cultura americana de participação em causas sociais, sendo vista como uma responsabilidade da população. Sobre este fato, Tocqueville diz:

Os americanos de todas as idades, condições e mentalidades unem-se constantemente. Não só possuem associações comerciais e industriais, nas quais todos tomam parte, mas ainda outras de mil espécies diferentes: religiosas, morais, graves ou fúteis, extremamente gerais ou muito particulares, imensas e mínimas. (...) Em todas as partes onde se vê, na França, o governo, um grande senhor, pode-se contar ver, nos Estados Unidos, uma associação (Tocqueville, 1977, Apud Falconer)

Como já exposto neste trabalho, a década de 1990 foi a grande virada do conceito de terceiro setor no contexto brasileiro, pois é quando surge um elevado número de organizações que focadas em “promover o desenvolvimento econômico local, impedir a degradação

ambiental, defender direitos civis e atuar nas áreas em que o Estado é incipiente (Warren, 2008, pág. 21).

Este período foi marcado pela grande ajuda e cooperação internacional, principalmente os programas desenvolvidos por agências financeiras internacionais, por meio de acordos e empréstimos para o governo do Brasil. Surge, nesta década, organizações que estão fortemente ligadas ao Estado e não mais com organizações de cooperação internacional e de matrizes religiosas, motivado por razões econômicas, pois estas entidades entraram no circuito de políticas de empréstimos do país. A década de 1990 será marcada pelo grande apoio jurídico do governo, tanto para legislação para embasar as organizações, quanto benefícios para seu incentivo (Gohn, 2000, pág. 19).

4.1 Caracterização do conceito de terceiro setor e seu estabelecimento da sociedade civil

O terceiro setor, de forma simples e direta, é um setor de âmbito privado, se propondo a atuar em prol do interesse público, não priorizando o lucro. Quando falamos de um terceiro setor, está pré-estabelecida a presença de outras duas entidades, o setor público/Estado e o privado/Mercado (Falconer, 1999, pág. 36)

Apesar de parecer simples em uma análise superficial, a delimitação do conceito de terceiro setor é complexa. Em um contexto internacional, há uma grande variedade de terminologias que são usadas baseadas nos pretextos oferecidos. Entre eles, temos: setor de caridade, setor independente, setor voluntário, setor isento de impostos, economia social, organizações sociais e organizações não-governamentais. Este último é o mais usado no contexto de países subdesenvolvidos, sendo o caso do Brasil (Falconer, 1999, pág. 39-41).

As instituições não governamentais emergem como resposta às insuficiências do Estado e do mercado na promoção do bem-estar social. O setor público frequentemente falha em garantir direitos fundamentais de forma equitativa, seja por omissão legislativa ou pela má execução de políticas públicas. Já o setor privado, guiado pela lógica do lucro, prioriza interesses particulares em detrimento das necessidades coletivas. Conforme aponta Arantes (2007), essas dinâmicas não atuam de forma isolada: o mercado se beneficia da permanência de uma estrutura desigual, o que reforça a concentração de poder e a reprodução das hierarquias sociais.

Para Salamon e Anheier, as organizações não governamentais ou ONGS é um termo utilizado para aquelas que desempenham um papel fundamental na promoção do

desenvolvimento econômico e social sustentável, na defesa dos direitos humanos e na mitigação das desigualdades sociais. Essas organizações atuam como agentes de mudança, trabalhando em colaboração com governos, empresas e comunidades para enfrentar desafios complexos e encontrar soluções inovadoras (Falconer, 1999, pág 48). Os autores também definem alguns requisitos para uma organização ser considerada de terceiro setor, sendo elas:

Ser Formal: Ela deve estar institucionalizada, tendo uma formalização sobre a sua existência e seguindo regras estabelecidas pelo Governo.

Privadas: Mesmo recebendo recursos estatais, elas não podem estar diretamente ligadas ao Estado.

Não-distribuidoras de lucro: Uma organização se propor a ser “sem fins lucrativos” não significa que elas não podem ter. Seus lucros devem ser destinados para a realização das suas ações e para a sua sustentabilidade, como, por exemplo, o salário dos seus funcionários.

Voluntárias: Salomon e Anheier definem que um grau significativo da mão de obra deve ser voluntário, mas Falconer aponta a tendência da profissionalização e assalariamento.

De Finalidade Pública: As ações da organização devem beneficiar um público externo a ela, podendo ser em diferentes setores.

Salomon e Anheier também estabelecem alguns parâmetros para classificar as organizações de terceiro setor:

Definições legais: Esta categoria separa as entidades perante sua relação com a legislação no território no qual a organização está situada. Este fator é importante, pois isto determina, por exemplo, se a será aplicada a isenção de impostos, que é um incentivo público para a atuação do terceiro setor. Em alguns países, estas organizações não são legitimadas e em outros, a gama de atuação é ampla e bem estabelecida. Ao estudar as organizações do terceiro setor é importante definir categorias pelas quais as organizações serão definidas. Para isso, Salomon e Anheier trazem algumas formas de classificação

Definições Econômico-financeiras: Esta categoria diz respeito à forma de subsídio das instituições. Segundo Salomon e Anheier afirma que um grande fator para esta categoria é o sistema de categorização do Sistema de Contas Nacional das Nações Unidas, que depende da quantidade de recursos movidos, deixa de ser do terceiro setor e passa a ser pertencente ao setor privado. Isto acontece se a organização arrecadar mais da metade do rendimento do setor

público/privado. Esta categorização faz com que a ONU subordine o terceiro setor ao Estado/Mercado.

Definições Funcionais: Esta última categoria separa as organizações pelo seu propósito de existência. Esta categoria prioriza as diferenças entre as organizações, dividindo-as pela causa que as move.

Com base nessa última definição, podemos dizer que o terceiro setor representará a complexidade da sociedade, pois “cada entidade tem personalidade jurídica própria, sendo que os vínculos mantidos com o poder público são bastante diversificados” (Paes; Valle; Santos, 2017, pág. 165). Cada vez mais a administração pública (federal, estadual e municipal) vai integrando organizações do terceiro setor a suas atividades, executando atividades de sua responsabilidade, como a educação, saúde e lazer. Em detrimento disso, são disponibilizados benefícios para incentivar seus trabalhos, como, por exemplo, a isenção e imunidade a alguns tributos (Paes; Valle; Santos, 2017, pág. 170-171).

Dado o apoio financeiro oferecido pelo estado, é crucial que os processos sejam burocráticos para assegurar que uma instituição não abandone o objetivo central do terceiro setor, atuar em prol do interesse público e não agir pensando primariamente os interesses da própria instituição. Para aqueles que atuam pensando no seu público, é importante ser almejado a emancipação social, ou seja, que as ações feitas gerem impacto a longo prazo, dando ao grupo trabalhado, a capacidade de ser independente (Lourenço; Dos Santos, 2011, pág. 12). Os autores dizem:

O terceiro setor como instrumentalizador da emancipação social seria, portanto, um agente de transformação e não apenas de reformulação e reprodução ou ainda um amenizador das desigualdades sociais. Seu papel seria o de possibilitador do nascer de uma nova consciência, de um novo fazer, o de ensinar a caminhar ao invés de emprestar muletas. (Lourenço; Dos Santos, 2011, pág. 12)

A emancipação entra em conflito com o assistencialismo. Este último surge como uma solução possível para problemas urgentes, mas sua história é marcada por interesses político-ideológicos, troca de favores e compras de votos, sendo um agente de alienação do povo. Uma organização não-governamental que deseja a emancipação de uma comunidade deve se comprometer com a promoção da cidadania, mobilizando indivíduos e comunidades para se envolverem de forma ativa em questões sociais e contribuir para o bem-estar coletivo, sendo

ideal a educação para os direitos como cidadão (Lourenço; Dos Santos, 2011, pág. 12-13) A comunicação é uma ferramenta essencial neste contexto.

4.2 A Comunicação no Terceiro Setor

A comunicação desempenha um papel importante nas organizações, contribuindo na construção de relacionamentos, mobilização de recursos e atingir metas e objetivos. Segundo Lima (2014, p.2):

A comunicação estabelecida nas organizações comunitárias, associações, movimentos sociais populares, organizações não governamentais (ONGs) e outras instituições sem fins lucrativos possui um potencial duplamente educativo, a partir do momento em que tornam seus participantes agentes modificadores da sociedade. Quando estabelecida estrategicamente por meio da circulação das mensagens e da divulgação de campanhas, promove o diálogo sobre questões, tais como direitos humanos, sustentabilidade ambiental, saúde, política, dentre outros, contribuem para a formação de uma sociedade mais consciente, justa, responsável e participativa. (LIMA, 2014, p. 2)

Uma das funções centrais da comunicação no terceiro setor é criar conexões significativas com públicos diversos, como doadores, voluntários, beneficiários e parceiros. Compartilhar histórias inspiradoras, dados relevantes e informações sobre suas iniciativas permite sensibilizar as pessoas para as causas defendidas, gerando engajamento e incentivando ações positivas. Costa (2005, p. 10) diz que:

Tal qual uma empresa com fins lucrativos, uma ONG deve se estruturar para desenvolver um plano anual de comunicação. E quando falamos no sentido total da palavra. Usar os meios e veículos certos, com a mensagem precisa, no tempo adequado, para o público certo é de suma importância. Por exemplo, nem sempre estar na televisão pode ser a melhor opção. Assim como enviar a mensagem certa para o veículo errado pode significar mais problema que solução. O planejamento deixará claro o que se pretende. Nele, inclusive, pode estar estabelecido o que se pode aceitar como doação ou voluntariado e o nível de qualidade aceita (COSTA, 2005, p. 10)

Além disso, a comunicação é uma ferramenta poderosa para a mobilização social. Por meio de campanhas de conscientização, petições, eventos comunitários e redes sociais, as organizações conseguem influenciar políticas públicas, promover mudanças sociais e engajar a comunidade em questões relevantes.

4.2.1 As Relações Públicas Comunitárias

Os debates sobre as Relações Públicas Comunitárias começaram a ser debatidas na década de 80 e tem se destacado como uma ferramenta poderosa para impulsionar a mobilização social em diversos contextos. Esse campo, concentra-se na interação entre organizações e comunidade e visa não apenas informar, mas também engajar os membros da sociedade coletivamente em prol de mudanças positivas e duradouras, e será importante para nos guiar no desenvolvimento deste trabalho.

Kunsh (1984, p. 112) nos diz que o conceito de Relações Públicas Comunitárias diz respeito com prioridade, apenas ao trabalho realizado diretamente com a comunidade. Por meio de uma abordagem centrada nas pessoas, busca-se compreender profundamente as necessidades, preocupações e aspirações das comunidades. Esse entendimento possibilita a criação de estratégias de comunicação personalizadas e eficazes, que ressoam com os membros locais, motivando-os a participar ativamente de questões relacionadas ao seu bem-estar. Kunsch aponta que o profissional de RP Comunitária:

“Não deve ser um mero ‘consultor’, que não vivencia as necessidades da comunidade. As relações públicas comunitárias implicam sua participação ‘na’ comunidade, dentro dela e em função dela. Melhor ainda será se ele for um ‘agente orgânico’ surgido no anseio da própria comunidade” (Kunsch, 2007b, p. 172)

Para atuar nas Relações Públicas Comunitárias é necessário vivenciar as dinâmicas, compreender as necessidades e construir uma relação genuína com a comunidade, assumindo o papel de um agente de transformação social.

A comunicação, nesse contexto, é um meio para disseminar mensagens e incentivar a ação coletiva. Campanhas educativas, eventos, o uso da mídia e outras formas de interação tornam-se interessantes para alcançar novos públicos. Outro ponto dentro das Relações Públicas Comunitárias é a capacidade de reunir diferentes atores sociais – como organizações do terceiro setor, entidades governamentais e empresas locais – para formar parcerias colaborativas. Ter estratégias bem elaboradas juntamente a valorização das pessoas contribui na construção de sociedades mais equilibradas, solidárias e participativas.

5 EDUCOMUNICAÇÃO: CONFLUÊNCIA DE CAMPOS PARA O DESENVOLVIMENTO EDUCACIONAL

A educação como processo e prática para a formação do pensamento crítico do indivíduo é o alicerce para mudanças na realidade social, sendo através dela o entendimento do individual

no contexto da sociedade e criando-se a consciência democrática. Neste processo, a comunicação surge como uma importante ferramenta, a qual, para Paulo Freire, é uma base existencial do ser humano que possibilita o diálogo, sendo utilizado como “compromisso político com a mudança revolucionária na perspectiva dos oprimidos”, sendo as relações sociais contextualizadas e históricas (Fígaro, 2015. p. 10). É na junção de educação e comunicação que surge um novo campo de pesquisa, a educomunicação.

A educomunicação surge como uma resposta ao período ditatorial que aconteceu no contexto latino-americano, que aconteceu por volta dos anos de 1960. Como já exposto, a educação é uma porta para a busca pelos direitos cívicos, isto é embasado no momento que, durante o regime militar, os projetos feitos por Paulo Freire foram perseguidos por representarem uma ameaça ao poder vigente no período. A comunicação e a educação já andavam lado a lado, sendo crucial que os educadores da época pudessem esclarecer seus alunos sobre as técnicas comunicativas utilizadas pelo regime, destrinchando e decodificando mensagens (Citelli; Soares; Lopes. 2019, pág. 13-14).

É importante entender alguns princípios dentro da educomunicação para o favorecimento de ambos os espectros desse conceito. Ao estudarmos este conceito, é imprescindível analisar a linguagem e a construção do diálogo. A educomunicação tem no diálogo, ao seu principal alicerce, visto que não é apenas com os alunos, mas com todos envolvidos nas relações da instituição de ensino. Com advento das tecnologias digitais, o próprio conceito de diálogo entra em questionamento, visto que pela sua presença, a relação entre professor e aluno, sendo muitas vezes um monólogo, tenham sido rompidas pelo fato que o educador não tem mais um papel centralizado, isto se ocasiona pela dispersão discursiva, possibilitando a troca de discursos e ampliando o processo democrático e superando o monólogo em espaço escolar. (Citelli; Soares; Lopes. 2019, pág. 16-17).

A relação e os processos que acontecem no espaço de aula e as formas pelas quais a comunicação deve atuar como um facilitador das relações educacionais, utilizando suas técnicas para que possa haver uma troca de fato entre estes campos. Entretanto não há um manual específico para se criar uma educação midiática. Soares (2014, p. 17) aponta que durante a história, os programas se baseiam em três protocolos: moral, cultural e midiático.

Soares (2014, p. 17) destaca que protocolo moral é o mais antigo desses, tendo registros de meados dos anos de 1930 e surge como uma forma de frear a presença desenfreada da mídia

no cotidiano de crianças e jovens. Este processo era muito utilizado por instituições religiosas, como, por exemplo, igreja católica, sendo influenciada pela grande crescente do mercado audiovisual, o qual era manifestado pela indústria hollywoodiana. No que diz respeito ao estabelecimento deste protocolo em ações atuais sobre o tema, Soares diz:

A permanência desta corrente apoia-se no entendimento de que a liberdade de expressão não pode, sob qualquer hipótese, suprimir o direito da infância e da juventude em contar com uma produção midiática de qualidade, elaborada a partir do conceito de responsabilidade social. Explica, por outro lado, o apoio de setores da sociedade a um dispositivo como a classificação indicativa dos espetáculos. (Soares, 2014, p. 17)

O protocolo cultural destaca a comunicação como uma fonte de informações pelas quais pode ser compartilhada a cultura, que é um aspecto importante para a construção de indivíduos. Entretanto, esta vertente também entende que este acesso às informações propicia também a aspectos negativos que são inerentes à ela. É em razão disto que, nos Estados Unidos, psicólogos e psiquiatras propuseram um manual sobre *media literacy* destinado às crianças para que os professores possam se guiar. A Unesco, com sua sede em Paris, embasa esta vertente de metodologia educacional, a “Media Education”, introduzindo-a aos currículos do ensino formal e o que diferencia este protocolo é o seu foco na relação dos educadores com os meios de comunicação e tecnologias (Soares, 2014, p. 18).

O protocolo mediático proposto por Soares (2014) é o mais recente dos três a ser sistematizado. Este protocolo se conecta com o caráter cívico e remete aos propósitos das ações do terceiro setor e da luta que cria movimentos sociais, pois representa a abrangência do processo comunicativo, indo para além da comunicação em si. Este termo é proveniente da Teoria das Mediações Culturais que garante que os indivíduos estejam inseridos nos diferentes contextos comunicacionais, agindo como emissores e receptores. No contexto da Educomunicação, para se poderem ter resultados eficazes, é importante analisar tudo que envolve o processo comunicativo dos estudantes, como as relações interpessoais, passando pela interação familiar. O produto final são jovens e crianças com uma maior capacidade de expressão, tanto artística quanto para exporem ideias, ampliando o potencial educativo. (Soares, 2014, p. 18)

Este último quesito mostra a abrangência da educomunicação, demonstra que a comunicação não fica apenas dentro da sala de aula em uma relação dicotômica. A

Educomunicação possui a linha de atuação que vai para a área estratégica, sendo isso a gestão comunicativa dos recursos comunicativos. É neste âmbito que são criadas as políticas de comunicação educativas, pois a educomunicação atua na fase de planejamento, implementação, avaliação dos produtos e programas dedicados ao ambiente escolar. A educomunicação juntará à educação, comunicação e conhecimentos das mais diversas ciências sociais (Soares, 2002, p. 18). É nessa perspectiva que consideramos a relevância das relações públicas, prospectando a qualificação do relacionamento da Escola Estrelinhas do Amanhã com os responsáveis dos alunos.

6 ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS

Após construir uma fundamentação teórica para este trabalho, abordaremos, neste capítulo, a metodologia empregada na condução da pesquisa, abrangendo tanto informações institucionais quanto dados obtidos junto aos funcionários e aos responsáveis pelos alunos da organização. Parte dessas informações foi acessada por meio de conversas com a diretora do instituto, além do fato de uma das pesquisadoras ser funcionária da instituição, o que facilitou o acesso aos dados e proporcionou uma compreensão mais aprofundada do contexto interno.

Considerando os objetivos específicos da pesquisa, que convergem para a criação de um cronograma de atividades voltado ao engajamento dos responsáveis pelos alunos, optou-se pela realização de uma pesquisa explicativa a qual tem como finalidade identificar os fatores que determinam ou contribuem para a ocorrência de determinados fenômenos. Conforme Gil (2008), esse tipo de pesquisa é adequado quando se deseja compreender as causas dos fatos observados. Além disso, por visar à aplicação prática dos resultados por meio da proposição de um projeto estratégico, esta também se caracteriza como uma pesquisa aplicada, conforme definição do mesmo autor.

Apesar de haver conhecimento prévio sobre a instituição e sua comunidade, não se dispõe de informações suficientemente detalhadas sobre a realidade individual de cada responsável, o que impede a formulação de afirmações definitivas sobre os motivos da baixa participação na educação dos filhos. Com base nos contatos prévios realizados com esse público, foram formuladas hipóteses sobre os possíveis fatores que motivam essa baixa participação e interação dos pais ou responsáveis com as atividades da organização-cliente.

A primeira hipótese considera que, devido ao contexto sociocultural da comunidade na qual a organização está inserida, os responsáveis não atribuem à educação um valor essencial para suas vidas ou para o futuro de seus filhos. A segunda hipótese sugere que os pais não se reconhecem como parte ativa no processo educativo, atribuindo exclusivamente à instituição a responsabilidade por essa função (Kerlinger, 1980).

Com o objetivo de confirmar ou refutar essas hipóteses, e com isso embasar a elaboração de um projeto estratégico, adotou-se a **pesquisa-ação** como método. Segundo Thiollent (1995, p. 14):

[...] é um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo. (Thiollent, 1995, p-14)

Por se tratar de uma investigação que busca aprofundar a compreensão de uma realidade específica no interior de um grupo social, optou-se por uma abordagem qualitativa, a qual, conforme Gil (2008), permite a análise mais minuciosa dos fatores que influenciam o comportamento e as atitudes dos indivíduos envolvidos.

A seguir, apresenta-se a divisão das etapas da pesquisa-ação, que compreendem o processo de investigação, elaboração e planejamento do produto deste projeto, sua implementação na organização-cliente e, por fim, a avaliação dos resultados.

Tabela 1 – Etapas da Pesquisa-Ação

Etapas	Técnicas Aplicadas
Fase de exploração	Entrevista em profundidade Mensuração de dados
Fase de planejamento	Reunião com a organização-cliente
Fase de ação	Produção dos produtos de comunicação

Fonte: Autores (2024)

6.1 Fase de Exploração

Nesta fase da pesquisa buscamos entender a perspectiva tanto dos responsáveis, quanto dos pais nas relações comunicativas do Instituto Estrelinhas do Amanhã. Além disso, investigamos as razões para o baixo engajamento dos pais nas atividades escolares. Pelo fato de estarmos utilizando uma abordagem qualitativa, adotamos uma técnica de coleta de dados condizente, que nesse projeto experimental será a entrevista estruturada (Gil, 2008).

6.1.1 Entrevista estruturada

Neste momento, optamos por realizar entrevistas estruturadas com todo o segmento de público da instituição (Gil, 2008), sendo todos os funcionários e 12 responsáveis (amostra de 20%). As entrevistas com os funcionários aconteceram presencialmente, contudo, durante o processo de agendamento com os responsáveis das crianças, observou-se uma resistência significativa quanto à realização das entrevistas de forma presencial. Muitos alegaram falta de tempo, desconforto ou indisponibilidade para comparecer, o que inviabilizou a aplicação do método conforme planejado.

Diante dessa recusa, optou-se por adaptar a metodologia, realizando entrevistas estruturadas por meio do aplicativo WhatsApp. As entrevistas seguiram um roteiro padronizado, enviado e respondido por mensagens, de forma assíncrona. Apesar da limitação na profundidade das respostas, essa estratégia se mostrou uma alternativa viável para garantir a participação dos responsáveis e a continuidade da pesquisa, respeitando as restrições impostas pela realidade do campo.

Tabela 2 – Roteiro para a entrevista estruturada com a diretoria, coordenação e funcionários

Perguntas	Justificativa
Como você vê a realidade social da comunidade onde a escola está localizada?	Essa pergunta ajuda a entender como os educadores enxergam o dia a dia das famílias e dos alunos. Conhecer essa realidade é essencial para pensar ações mais próximas da vida deles.

Quais situações do bairro ou da comunidade você acredita que mais atrapalham o desempenho dos alunos?	A pergunta auxilia em identificar problemas fora da escola, como violência, falta de transporte, desemprego, podendo influenciar na aprendizagem dos estudantes.
Você acha que a escola é valorizada pela comunidade? Por quê?	Permite entender se a comunidade reconhece a importância da escola, o que fortalece o sentimento de pertencimento e a identidade da instituição.
Que ações a escola faz para trazer as famílias para mais perto do processo educativo?	Mostra se a escola busca envolver os pais nas atividades e decisões, o que ajuda muito na aprendizagem e no desenvolvimento dos alunos.
Os pais ou responsáveis participam das reuniões e eventos? Como você vê essa participação?	Saber o quanto os pais se envolvem é importante, porque a parceria entre escola e família contribui para o sucesso escolar das crianças.
Quais são as maiores dificuldades que a escola enfrenta para se relacionar com a comunidade?	Entender os desafios é o primeiro passo para pensar em soluções que melhorem o vínculo entre escola e comunidade.

Na sua opinião, os alunos sentem que a escola representa o jeito de viver e a cultura deles?	É importante saber se os alunos conseguem ver sua realidade dentro das atividades escolares
Como é, na sua visão, a relação entre os profissionais da escola e os pais ou responsáveis? Vocês conversam com facilidade?	Relações com diálogo e respeito ajudam a construir uma escola mais acolhedora e participativa, com todos contribuindo juntos.
Você acredita que a escola faz alguma diferença positiva na vida da comunidade? Por quê?	A escola pode ser uma agente de mudança social, ajudando a melhorar a qualidade de vida das pessoas ao redor.
O que você sugeriria para melhorar a relação entre a escola, os alunos e a comunidade?	Essa pergunta estimula os funcionários a pensarem em ideias e soluções práticas, o que enriquece ainda mais o projeto de melhoria da escola.

Fonte: Autores (2024)

Os tópicos formulados nos auxiliaram a obter uma visão geral de como a escola percebe o engajamento dos pais, quais as barreiras identificadas e quais estratégias estão em prática ou planejadas para melhor atender a comunicação e participação. O segundo roteiro explora as percepções dos pais e responsáveis sobre a comunicação com a escola, propomos os seguintes tópicos:

Tabela 3 – Roteiro para a entrevista estruturada com os pais e responsáveis

Perguntas	Justificativa
Como é morar no seu bairro ou comunidade aqui em São José de Ribamar?	Essa pergunta ajuda a entender o lugar onde as famílias vivem e quais são as condições que podem influenciar a vida e o estudo das crianças.
Como você conheceu a escola? O que fez você escolher essa escola para seu filho ou filha?	Saber como a família chegou até a escola mostra o tipo de relação que ela tem com a instituição e o que valoriza na educação do filho.
Você acha que a escola entende e respeita a sua realidade e da sua família?	Essa pergunta mostra se os pais sentem que a escola leva em conta a situação de vida deles e dos filhos, o que é importante para construir uma boa parceria.
Você se sente à vontade para conversar com os professores ou com a direção da escola?	Serve para saber se há diálogo e abertura entre a família e a escola, o que é essencial para o envolvimento dos pais.
Com que frequência você participa das reuniões ou eventos da escola? O que ajuda ou atrapalha você a participar?	Entender o que facilita ou dificulta a presença dos pais ajuda a criar estratégias para aumentar a participação da comunidade.
Você acha que a escola tem ajudado no crescimento e aprendizado do seu filho(a)?	A resposta mostra se os pais percebem que a escola está fazendo diferença na vida da

Como?	criança, o que pode indicar a qualidade do trabalho feito.
Quais dificuldades você e sua família enfrentam no dia a dia que podem atrapalhar os estudos do seu filho(a)?	Ajuda a identificar problemas fora da escola que afetam o rendimento dos alunos, como transporte, trabalho dos pais ou falta de apoio em casa.
Você conhece os projetos ou atividades fora do horário de aula que a escola oferece? Já participou de algum?	Mostra se os pais estão por dentro do que a escola oferece além das aulas e se participam das ações comunitárias ou culturais.
Você sente que sua opinião é escutada quando fala com alguém da escola?	Essa pergunta ajuda a entender se os pais se sentem valorizados e incluídos nas decisões e nos diálogos da escola.
O que você gostaria que a escola fizesse para melhorar o aprendizado e a convivência dos alunos?	Dá espaço para os pais sugerirem melhorias, o que fortalece a parceria entre família e escola e valoriza a participação deles nas soluções.
Como você passa o tempo livre com seu filho?	Entender como é a interação dos pais com os filhos fora do ambiente escolar, podendo refletir para a interação com a vida acadêmica dos alunos

Ao abordar essas questões, nos propusemos a identificar as percepções e necessidades dos pais em relação à comunicação com a escola, proporcionando uma base sólida para o desenvolvimento de estratégias mais eficazes.

Após este processo, realizamos a mensuração dos dados obtidos durante a etapa de entrevistas. Pelo caráter qualitativo da pesquisa, analisamos o conteúdo das respostas e as agrupamos em categorias que serão a base para comprovar ou contrariar as hipóteses propostas (Gil, 2008). Quanto mais repetição de respostas em determinadas categorias, maior será a necessidade de criação de métodos para resolvê-las.

6.2. Fase de Planejamento

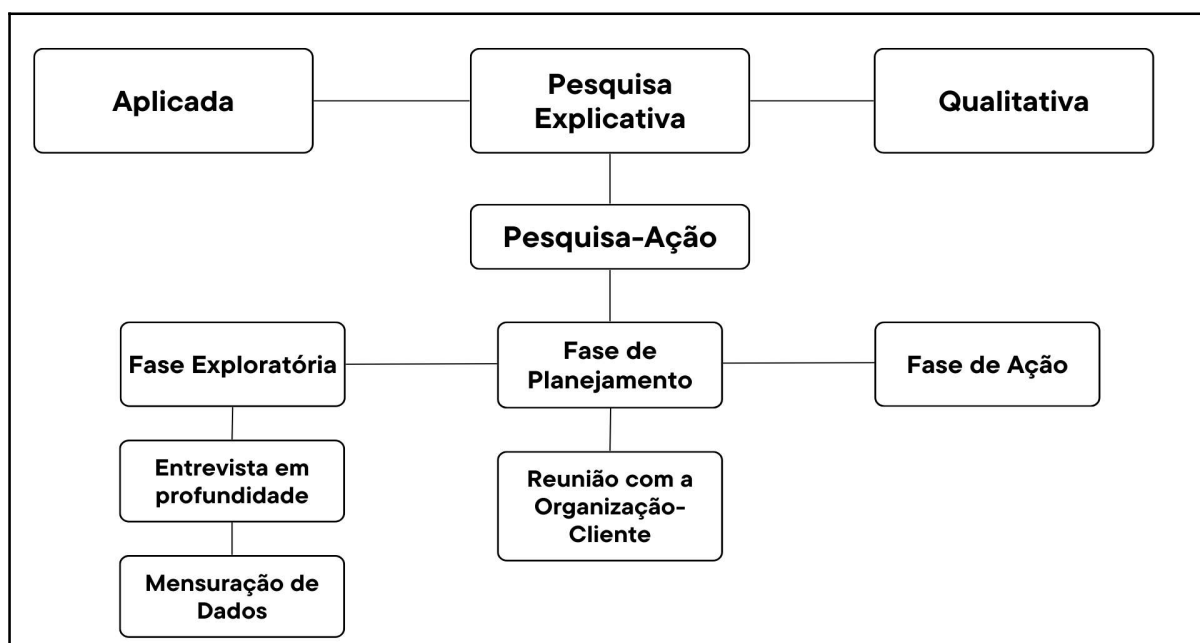
Nesta etapa do estudo planejamos meticulosamente as fases subsequentes do projeto. Isso incluirá reuniões com a escola, onde colaborativamente exploraremos e analisaremos as melhores abordagens para implementar o projeto de forma eficaz e alinhada com os objetivos educacionais e institucionais. Essa fase garantirá que todas as decisões sejam informadas por um entendimento completo das necessidades.

6.3. Fase de ação

Nesta fase nos propusemos a implementar as etapas práticas do projeto experimental, sendo realizadas ações condizentes com as condições ofertadas pela organização-cliente. Focamos em utilizar plataformas de comunicação já existentes dentro da organização, como, por exemplo, as redes sociais às quais a organização-cliente possui e utilizar o espaço físico como um meio de comunicação dirigida aproximativa.

Para representar a nossa metodologia de pesquisa elaboramos a figura a seguir:

Figura 1 - Desenho metodológico



Fonte: Autores (2024)

A partir da condução sistemática orientada pelo desenho metodológico estabelecido, foi possível obter resultados relevantes sobre a organização-cliente e toda a realidade em que ela está envolta, assim como o resultado das pesquisas realizadas com os responsáveis das crianças para que lhe possamos estruturar o produto destinado à instituição.

7 APRESENTAÇÃO DA ORGANIZAÇÃO

O trabalho experimental concentra-se na realidade do Instituto Estrelinhas do Amanhã. Fundado em 5 de janeiro de 2022, ele é uma entidade civil de direito privado de caráter beneficente, sem fins lucrativos, com atuação na sede localizada na Rua Olho d' Água, nº 412, Olho D'Água, Município de São José de Ribamar (MA) (Anexo A). O seu principal objetivo é promover a alfabetização e letramento para crianças provenientes de famílias em situação de vulnerabilidade localizadas na região, promovendo emancipação social e avanço do protagonismo social.

Para operacionalizar seu objetivo principal, a organização, por ser uma agente de mudança em sua comunidade, possui algumas atribuições que ultrapassam o ensino formal em si. Entre elas podemos citar: o fornecimento de serviços básicos de saúde e alimentação; incentivar as famílias quanto ao engajamento na educação das crianças; acompanhar as famílias por meio de cursos, palestras e reuniões que fomentem novos interesses de cidadania, etc.

Tanto o nome, quanto a logo da organização, que pode ser vista na figura 2, foram criadas em homenagem à Santa Luzia, que de acordo com o catolicismo é a santa que protege os olhos contra o mal e é a fagulha de luz que os olhos procuram. Levando isto em consideração, decidiu-se por atribuir a iluminação ao instituto, sendo representado pela frase “A luz para a educação” e a presença da estrela.

Figura 2 – Logo do Instituto Estrelinhas do Amanhã



Fonte: Disponibilizado pela administração da escola

A sua missão é proporcionar aos alunos provenientes de famílias em situação de vulnerabilidade social uma educação de qualidade em um ambiente acolhedor, didático e estimulador, que promova o desenvolvimento de suas crianças, favorecendo a cidadania, a construção de valores éticos e a autonomia, tornando-os cidadãos do mundo capazes de sonhar, criar, se expressar e acolher ao próximo. A sua visão é alcançar as crianças da região de São José de Ribamar a fim de cativá-las e transformar sua realidade por sua atuação positiva de caráter coletivo e assim tornar-se referência na qualidade de ensino e ser reconhecido como um Instituto de Excelência em Educação Infantil, onde o amor e a inclusão estejam sempre presentes. Os seus valores são o amor, afeto, ética, cooperação, solidariedade, responsabilidade, inclusão, respeito ao próximo e educação de qualidade.

Em entrevista¹ com a diretora do Instituto, a senhora Ana Joangela Teixeira Matos Vieira, foi revelado que a motivação para a criação da escola/creche foi a forma com que a

¹ Entrevista realizada presencialmente em Maio de 2024 com a diretora do Instituto Estrelinhas do Amanhã, Ana Joangela Teixeira Matos.

educação no município de São José de Ribamar é tratada pelas políticas públicas, defasando a educação das crianças da região.

Tendo em vista a vulnerabilidade educacional e os fatores como a pobreza e criminalidade da região, iniciou-se o trabalho para abrir a escola, o qual teve a etapa burocrática de regularização da escola e a busca pelo engajamento da comunidade. Houve um processo de conversa com os moradores da região de porta em porta para apresentar o projeto e propiciar a adesão da população com a iniciativa.

Os recursos financeiros se dão através da verba disponibilizada pela Fundação de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais de Educação (FUNDEB), através da Emenda Constitucional nº 108, de 27 de agosto de 2020. Este fundo especial possui natureza contábil e de âmbito estadual, sendo arrecadado através dos impostos e transferência de Estados, Distritos Federais e Municípios.

Desde a sua constituição, a instituição mantém o funcionamento por meio de doações, seja de alimentos, materiais, móveis, entre outros. Toda a escola se construiu dessa forma, somente no ano de 2024, após quase dois anos de funcionamento, que a escola começou a receber auxílio.

Em relação a estrutura de ensino, o instituto atualmente é dividido em quatro turmas, sendo: uma creche parcial que conta com oito alunos, uma creche integral, com vinte alunos, uma de Pré I, com doze alunos, e uma turma de Pré II, com onze alunos, totalizando cinquenta e um alunos na faixa etária de 2 a 5 anos.

De acordo com os documentos disponibilizados, o quadro de funcionários apresenta um total de dez pessoas, todas do sexo feminino. Os cargos são distribuídos da seguinte maneira: uma diretora, responsável por direcionar os funcionários e orientar a administração da escola; duas pessoas na administração, encarregadas de todos os trâmites e tarefas relacionadas à sua área; um coordenador pedagógico, responsável por guiar todo o corpo docente; há três professores, duas auxiliares e uma pessoa no setor de serviços gerais.

7.1 A comunidade em que está inserida

Pelo fato de ser uma região litorânea, a comunidade em que o Instituto Estrelinhas do Amanhã está inserido está profundamente ligada à atividade pesqueira, especialmente à pesca

artesanal, que representa uma das principais fontes de subsistência das famílias locais. Dentre os produtos mais destacados dessa prática está o peixe-pedra, cuja captura e comercialização são essenciais tanto para o consumo interno quanto para a venda a visitantes e comerciantes de fora da região (Castro, 2018). Essa economia tradicional revela uma forte conexão entre o modo de vida da população e os recursos naturais do território, sendo passada de geração em geração.

Além da pesca, o município de São José de Ribamar (MA) se destaca por outras atividades econômicas importantes, como o varejo de medicamentos e alimentos, o artesanato local e o turismo, com forte ênfase no turismo religioso. A cidade é reconhecida nacionalmente por abrigar um dos mais importantes santuários dedicados a São José, padroeiro do município e patrono da Igreja Católica, atraindo milhares de fiéis anualmente. Esse cenário religioso influencia diretamente o cotidiano da população e, consequentemente, das instituições educacionais da região.

A escola Estrelinhas do Amanhã, por sua vez, reflete essa religiosidade em sua vivência pedagógica e social. O catolicismo está presente no dia a dia das famílias atendidas, não apenas como crença, mas também como parte do tecido cultural local. A fé e as práticas devocionais, como promessas e peregrinações, são recorrentes na comunidade escolar, tornando a dimensão religiosa um eixo relevante para o planejamento de atividades que dialoguem com os valores e experiências dos estudantes (Santos, 2023).

No entanto, mesmo inserida em um território rico em tradições e saberes populares, a instituição enfrenta desafios significativos para garantir uma educação de qualidade. Segundo entrevista com a diretora da escola, diversos fatores geográficos e sociais comprometem o acesso e a permanência dos alunos. Muitas famílias vivem em áreas isoladas e, para chegar até a escola, precisam atravessar braços de mar em barcos ou canoas, o que se torna ainda mais difícil durante o período chuvoso, quando o trajeto pode se tornar intransitável.

Outro desafio central apontado é a baixa participação dos pais no processo educacional dos filhos. Em muitos casos, a desvalorização da escola ou a sobrecarga de trabalho dos responsáveis limita o acompanhamento das atividades escolares, impactando negativamente no rendimento e no engajamento dos estudantes. Essa ausência de parceria entre família e escola representa um fator desestimulante para o desenvolvimento integral das crianças, exigindo da equipe pedagógica ações mais eficazes de acolhimento e envolvimento da comunidade.

7.2 Briefing fundamentado

Para guiar a investigação com vista ao projeto experimental, criamos este briefing fundamentado. Nele usufruiremos das informações já obtidas sobre as atividades da organização e a base teórica para respaldar a criação de um projeto que atenda às necessidades do Instituto.

Seu escopo será dividido em três tópicos: a) as atividades do Instituto Estrelinhas do Amanhã; c) necessidade de comunicação; b) condições para um projeto de mobilização social e sua fundamentação teórica.

7.2.1 Atividades do Instituto Estrelinhas do Amanhã

Por sua natureza pedagógica, as atividades da organização são direcionadas para assegurar uma educação de qualidade, seguindo os direitos de aprendizagem à Educação Infantil estabelecidos pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC)². A escola oferece uma variedade de atividades planejadas para atender às necessidades de desenvolvimento das crianças matriculadas, dentre elas, brincadeiras dirigidas, artes e artesanato, música e movimento, contação de histórias, exploração sensorial, tempo ao ar livre e socialização. Todas essas atividades são cuidadosamente planejadas para promover o desenvolvimento integral das crianças, abrangendo áreas como: linguagem, criatividade, cognição, habilidades sociais e motoras.

O Instituto promove ações sociais, como bazar, consultas, entre outras, com objetivo de proporcionar assistência à comunidade em que está inserida. Com essas atividades, busca-se criar oportunidades de acesso a recursos essenciais e serviços de saúde, contribuindo para que haja uma melhora, mesmo que pequena, na qualidade de vida dos moradores da região. As ações e atividades desenvolvidas são expostas em um mural no pátio da escola, são divulgadas e compartilhadas nas redes sociais e por meio do boca a boca, que são as principais formas de comunicação com seus públicos.

Os públicos com os quais o Instituto mantém relacionamento direto incluem funcionários (diretora, coordenadora pedagógica, equipe administrativa, professores, auxiliares

2 A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é um documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica, de modo a que tenham assegurados seus direitos de aprendizagem e desenvolvimento, em conformidade com o que preceitua o Plano Nacional de Educação (PNE).

e serviços gerais), alunos, pais e responsáveis, órgãos públicos municipais, estaduais e federais, bem como a comunidade local.

Para divulgação, são utilizadas principalmente duas mídias: WhatsApp e Instagram. O WhatsApp é o canal mais utilizado, sendo empregado para comunicação tanto com funcionários e professores quanto com os pais.

A organização-cliente possui, também, uma conta no Instagram (Figura 3), sua utilização não é regular. Mesmo não sendo um dos problemas primários, a falta de periodicidade nesta rede é um desperdício de um espaço que pode ser útil da divulgação do instituto para um público mais extenso, o que poderia beneficiar a divulgação de sua causa.

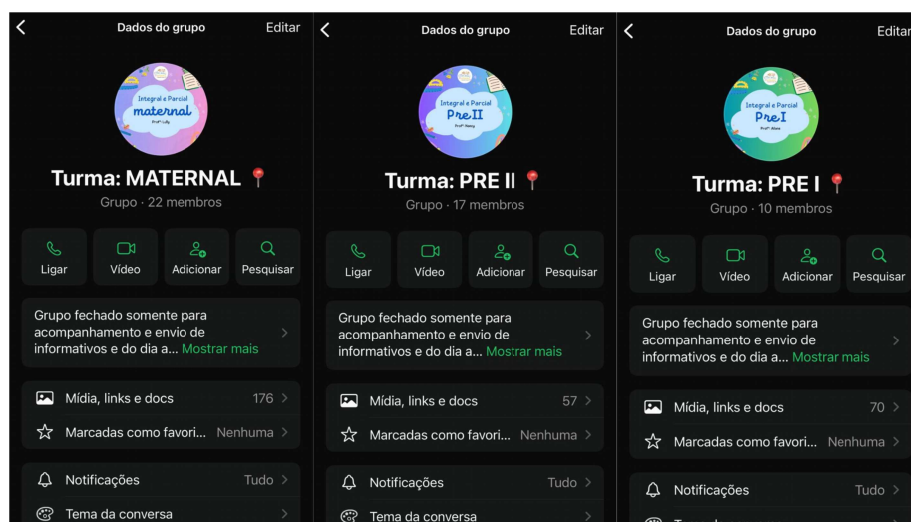
Figura 3 – Instagram da Escola



Fonte: Print feito pelos autores (2024)

A comunicação ocorre presencialmente com a maioria dos públicos, em conversas informais e reuniões, e virtualmente por meio de mensagens. Grupos no WhatsApp são utilizados para enviar avisos, informações e fotos para funcionários, pais e responsáveis (Figura 3).

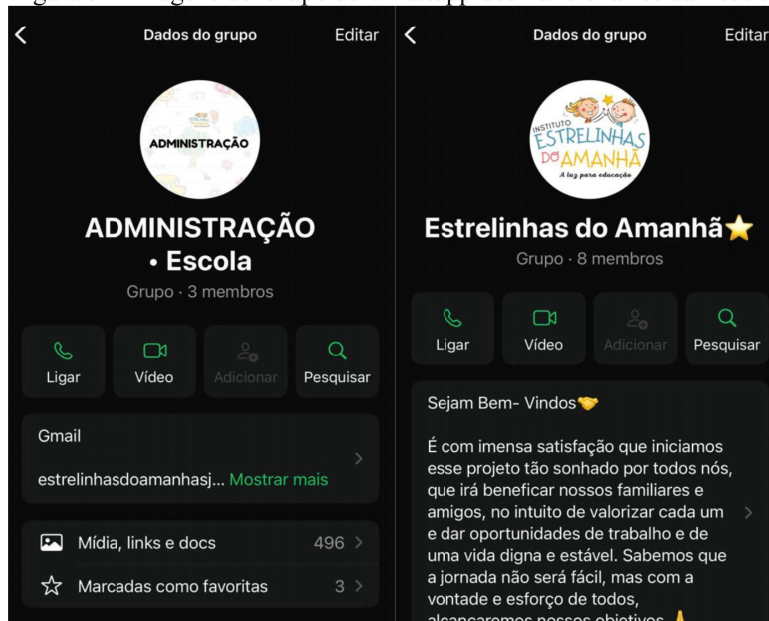
Figura 4 – Imagens dos Grupos de Whatsapp destinado aos Responsáveis



Fonte: Compilação de Prints dos Autores (2025)

Internamente, a comunicação é feita por meio de avisos e comunicados no WhatsApp, em grupos específicos de Administração e Coordenação, de um grupo geral com todos os funcionários. Há comunicação presencial, incluindo conversas entre a direção e os funcionários, bem como reuniões anuais no início de cada ano letivo entre a diretora e todos os funcionários.

Figura 5 - Imagens do Grupo de Whatsapp dos Funcionários da Escola.



Fonte: Compilado de Prints feitos pelos autores (2025)

Em uma análise geral, constatamos que a organização carece de uma comunicação bem estruturada. Isto pode ser motivado pela limitação de recursos financeiros, que impossibilita a

criação de uma equipe composta por profissionais da área, cabendo aos funcionários do setor administrativo captarem estas atividades. Como resultado, há uma dificuldade na criação de estratégias que resolvam todas as demandas presentes no seu cotidiano. A sua comunicação se limita a ser feita de maneira informal e de forma amadora, gerando uma cadeia de problemas de comunicação que podem ser trabalhados.

7.3 Diagnóstico

Diante de relatos feitos pelos funcionários da organização, constatamos que o principal problema a ser solucionado por este projeto experimental é o baixo envolvimento dos pais na educação de seus filhos. Esta constatação é baseada pelo fato de uma grande quantidade de responsáveis se ausentarem de atividades propostas pelo instituto, sendo estas as reuniões marcadas com os mesmos e a própria comunicação por meio das redes sociais, em especial o WhatsApp.

A decisão de priorizar este quesito foi tomada em decorrência do seu impacto direto na educação das crianças do instituto e é uma das missões propostas pela organização. Um ambiente que não estimule a educação pode prejudicar seus desempenhos em atividades escolares.

Por conta disso, é essencial a elaboração de um projeto de comunicação direcionado a engajar esse público no processo educacional da instituição, beneficiando não só a relação com a organização, mas também sendo fundamental para o desenvolvimento das crianças.

7.4 Análise de cenário

O bairro Olho D'água em São José de Ribamar apresenta um contexto complexo permeado por desafios socioeconômicos, culturais e políticos que impactam diretamente na comunicação entre a instituição educacional e os responsáveis pelos alunos. Trazendo a comunidade circundante ao Instituto Estrelinhas do Amanhã, onde a carência de infraestrutura é evidente em diversos aspectos. Problemas como alto índice de criminalidade, precarização dos serviços públicos, incluindo a educação, e falta de saneamento refletem uma gestão política deficiente que perdura há anos.

Ao realizar uma investigação mais profunda, observa-se que os pais dos alunos enfrentam desafios socioeconômicos semelhantes aos da região, com a pesca artesanal sendo

uma fonte comum de renda, enquanto muitas mães se dedicam ao lar. A educação, por sua vez, é afetada pela situação estadual, onde o Maranhão historicamente enfrenta dificuldades educacionais, refletidas em estatísticas preocupantes.

A educação do município é um reflexo do contexto macro. O Maranhão, por exemplo, enfrenta historicamente desafios significativos nessa área, frequentemente figurando entre os estados com os maiores índices de analfabetismo do país, segundo institutos de pesquisa, como o IBGE.

Para analisar a qualidade do ensino de São José de Ribamar, um importante indicativo do nível de aprendizado da educação pública é o IDEB (Índice de Desenvolvimento da Educação Básica). Segundo dados do site QEd³, nos anos iniciais do ensino fundamental, que correspondem à faixa etária mais jovem dos alunos, a nota foi de 5,7. Já nos anos finais, o resultado foi ainda menor, com uma média de 4,6. Ambos os índices estão abaixo das metas estabelecidas pelo IDEB, que considera como ideal um mínimo de 6,0 nos anos iniciais e 5,5 nos anos finais.

Diante desse panorama, destaca-se alguns aspectos que exigem atenção imediata por parte da instituição e dos responsáveis pelos alunos. A proximidade geográfica do Instituto com as residências dos estudantes é uma vantagem, porém, a necessidade de atravessar por meio de canoas para chegar à escola pode representar um obstáculo significativo para alguns alunos.

Ademais, mesmo diante das adversidades, observamos que alguns pais demonstram falta de engajamento na educação dos filhos, transferindo a responsabilidade integral para a escola. Há problemas na captação e distribuição de recursos do governo que afetam o funcionamento do Instituto.

Ao considerarmos esses elementos para a formulação de um projeto estratégico de comunicação, é fundamental compreender que São José de Ribamar oferece particularidades que devem ser exploradas. Além de sua relevância como destino turístico religioso, a atividade pesqueira é uma característica marcante da região, representando uma importante fonte de renda e identidade cultural.

³ Link do site em: <https://qedu.org.br/municipio/2111201-sao-jose-de-ribamar>

Portanto, ao desenvolvermos um plano de comunicação, devemos levar em conta não apenas as adversidades locais, mas também as oportunidades e valores que moldam a identidade dessa comunidade. Através de uma abordagem sensível e adaptada às necessidades específicas dos responsáveis pelos alunos, podemos promover um engajamento mais significativo e construir pontes eficazes entre a instituição educacional e a comunidade de São José de Ribamar.

7.5 Análise SWOT

Para ilustrar de forma gráfica as informações levantadas, construímos a seguinte tabela.

Tabela 4 – Análise SWOT

	Fatores Positivos	Fatores Negativos
Fatores Internos	(Força) ● Localização Geográfica Favorável ● Recursos Naturais e Culturais	(Fraqueza) ● Infraestrutura Precária ● Baixo Engajamento de Parte dos Responsáveis ● Dificuldades na Captação de Recursos
Fatores Externos	(Oportunidade) ● Exploração do Potencial Turístico ● Engajamento Comunitário ● Utilização de Recursos Online	(Ameaça) ● Atraso na Verba ● Falta de treinamento dos funcionários

Fonte: Autores

Essa análise SWOT oferece uma visão abrangente dos desafios e oportunidades enfrentados pela comunicação educacional em São José de Ribamar, destacando áreas de força que podem ser potencializadas e fraquezas que precisam ser superadas para promover um

engajamento eficaz dos responsáveis pelos alunos e garantir o sucesso educacional da comunidade.

8 REALIZAÇÃO DAS ENTREVISTAS ESTRUTURADAS

Após o conhecimento da organização como um todo, conhecendo o seu público, suas atividades e seu corpo de funcionários, realizamos o processo de pesquisa para entender o cerne do problema encontrado dentro da organização, que é o baixo engajamento em atividades. Foi realizado entrevistas estruturadas com todo o corpo administrativo do Instituto e com 12 pais de alunos, representando uma amostragem de 20% do total de responsáveis de alunos.

Primeiramente foram realizadas as entrevistas com o corpo de funcionários que ocorreram presencialmente e devidamente gravadas. Após a primeira bateria de entrevistas, seguimos para efetuá-las com os pais. Inicialmente tentou-se realizá-las de forma presencial, mas, diante da recusa dos mesmos, optou-se por conduzir as perguntas por meio do WhatsApp. Dividimos as tabelas em eixos temáticos baseados nas perguntas feitas. Cada entrevistado será codificado com uma numeração (Exemplo: Entrevistado 1, Entrevistado 2, Entrevistado 3, etc.). Essa codificação será mantida durante todo o processo de pesquisa, o que significa que cada pessoa será sempre representada pela mesma numeração, de forma consistente. Os participantes serão segmentados por público, sendo separados entre corpos de funcionários e responsáveis.

8.1 Resultado das Entrevistas com funcionários

Tabela 5 – Respostas dos funcionários sobre a realidade social e contexto comunitário

	Perguntas
Identificação dos entrevistados	Como você vê a realidade social da comunidade onde a escola está localizada?
Entrevistado 1	A realidade social da comunidade é bem difícil, a maioria dos moradores sobrevivem da pesca, tendo assim, suas dificuldades, precisando de maior assistência do poder público, principalmente na área de segurança. A comunidade está passando por um momento muito preocupante, devido à violência, que de vez em quando fica mais difícil, por causa disso temos que suspender as aulas deixando as crianças em casa, com isso o desempenho e o rendimento cai bastante, então sempre temos que rever os conteúdos já programados e atrasando tudo.

Entrevistado 2	A realidade dessa comunidade é um pouco desafiadora, como eu já falei. É uma comunidade de pessoas hospitaleiras, de pessoas boas, mas também em torno da escola também tem muita questão de violência. E essas crianças, elas são criadas, nascidas e criadas nesse meio onde a violência fala um pouquinho mais alto. E aí acaba que há um medo das crianças crescerem nesse lugar, conviverem com isso e acabarem trazendo isso para si. Também tem a questão que muitas dessas crianças são filhas de pessoas que estão nesse meio da criminalidade. E aí a gente pensa muito de como essa criança vai crescer, de como essa criança vai ser criada e qual será o futuro dela. Não só pra criança, mas pra comunidade. Porque eu acho que escola é um lugar bom, algo que a gente pode pensar no presente e também no futuro, que é uma esperança. Uma esperança pra outro lugar, uma esperança pra família, uma esperança para criança. E eu vejo que a escola aqui nesse lugar traz essa questão também de um pouco de paz no lugar.
Entrevistado 3	Olha, a realidade social da comunidade é que, na minha percepção, é que eles não veem a escola como uma instituição de ensino muito séria. Eles não levam a seriedade, eles estão mais como se fosse uma rede de apoio. Como se fosse assim... eles não levam a sério a educação das crianças e não levam a sério nós fazendo o trabalho com as crianças. Então, eu vejo que a gente tem que trabalhar bastante com os pais, fazer muitos projetos que também incluam a comunidade.
Entrevistado 4	Uma realidade um pouco difícil, a gente enfrentou alguns problemas aqui relacionados à segurança da comunidade. É uma comunidade mais carente, uma área periférica, então a gente tem contato aqui com uma certa briga de facções, e nós estamos, às vezes, nesse mesmo local, então é difícil e isso prejudica, assim, o trabalho da escola em alguns momentos, então a gente tem que parar, às vezes, sair mais cedo, liberar as crianças mais cedo, por causa desse medo que a gente tem. E é difícil também manter isso ativo, né? Assim, manter uma rotina, e a gente tem que, de alguma maneira, se acostumar com isso, porque não tem muito que a gente faça, é algo que não depende da gente. Esse é um local de risco, então as crianças faltam com facilidade aqui, os pais, às vezes, não mandam. Então é uma área, assim, muito prejudicada socialmente, então tem muitos pais que não acreditam tanto na educação, e isso é algo prejudicial para as crianças. A gente faz tudo que pode, né? Para trazer para a escola, mas alguns pais, simplesmente, deixam em terceiro plano. Então, primeiro, existem outras prioridades, em vez da educação, o que é um problema enorme, que prejudica muito o desempenho da criança na escola.
Entrevistado 5	Bom, a escola está inserida numa sociedade, que pode falar, bem vulnerável, é uma redondeza em que as famílias ainda têm muita, traz muita essa questão do abandono, essa questão dos drogas, da prostituição, de famílias mal estruturadas, e a escola em si, ela tem o seu papel fundamental, mas não é tudo, porque a gente tem que fazer esse trabalho público, esse trabalho de conscientização, mas por ela estar inserida nessa sociedade, acaba que não se sai do 100% que a gente planeja, porque nada é 100%, a gente faz o nosso

	papel, mas por conta de estar inserida nessa sociedade, com esses problemas, todos os temas aqui, especificamente por ser uma área longe do centro da cidade, acaba sendo vulnerável, essas questões do valor da educação, dos valores, dos princípios mesmo, em relação à própria sociedade, e o projeto, ele veio com esse intuito, também, de resgatar, na verdade essa aqui é a palavra, um resgate, de que forma que a educação pode estar mudando, a realidade dessas crianças que serão o futuro, do país.
Entrevistado 6	A realidade da comunidade é bem delicada, principalmente por conta da violência, nós nos deparamos com pais e responsáveis que vivem alarmados e preocupados com seus filhos, é triste de ver.
Entrevistado 7	A realidade da comunidade agora está bem complicada, pela criminalidade nos últimos tempos está atrapalhando muito, afetando, não é uma realidade muito legal, não é a que a gente gostaria de ter.
Entrevistado 8	A realidade atual é difícil, muita violência e insegurança, infelizmente.

Fonte: Autores (2025)

As respostas revelam um panorama desafiador ante a realidade existente onde o Instituto está inserido. Os relatos evidenciam algumas dificuldades enfrentadas, tais como a vulnerabilidade social e econômica, segurança pública e a desvalorização da educação. A insegurança, a violência é apontada como um fator muito forte que impacta o funcionamento da escola, seja ao suspender as aulas, liberar alunos mais cedo ou até levar a escola a manter as portas fechadas.

Tabela 6 – Respostas dos funcionários sobre o impacto social da escola

	Perguntas		
Identificação dos entrevistados	Você acha que a escola é valorizada pela comunidade? Por quê?	Você acredita que a escola faz alguma diferença positiva na vida da comunidade? Por quê?	Quais são as maiores dificuldades que a escola enfrenta para se relacionar com a comunidade?
Entrevistado 1	Sinto que os pais têm valorizado bastante a escola, principalmente depois que passaram a conhecer o trabalho de todos que fazem parte da escola, tendo a	Acredito que sim, porque a comunidade já conhece o trabalho da escola e já sabe que deixamos seus filhos, principalmente as mães que podem sair pro seu trabalho, porque tem	Acredito que a violência seja a maior dificuldade, além da necessidade de mais oportunidades de trazê-los para escola.

	confiança de deixarem seus filhos aos nossos cuidados até indicando para outras pessoas.	certeza que seus filhos estão em boas mão e esses benefícios os pais não tinham antes da chegada da escola.	
Entrevistado 2	A escola, como ela está em pouco tempo nessa comunidade, ainda enfrenta um grande desafio. Que é o desafio de conseguir mais alunos. Mas ela é reconhecida, sim. Eu acho que já é bem reconhecida pela comunidade. Porque já tem um bom número de alunos, da onde começou até agora. Já tem muitas pessoas que têm procurado a escola para matricular seus filhos. Tem crianças de perto, tem crianças de longe também. Então, a comunicação dos pais que já têm os filhos na escola vai passando para outros pais. Vai dando uma boa referência da escola. E aí, isso vai fazendo com que a escola fique cada vez mais reconhecida. Então, eu creio que, já assim, ela tá bem reconhecida.	Sim. Ela faz diferença, sim. Principalmente na vida das crianças. Porque na escola, ela é uma segunda família para as crianças. Na verdade, ele é o complemento da família. E tem muitas coisas que os filhos não têm em casa, que eles deveriam ter por direito. E encontram na escola, afeto, pessoas para ouvir. Porque, às vezes, dentro de casa, elas não ouvem. Daí, na escola, sempre tem alguém pra ouvir. Desde a pessoa da limpeza até a diretora. Sempre vai ter alguém pra ouvir essa criança. Para perceber o que, às vezes, os pais de casa não percebem. Às vezes, comportamentos. Como hoje, tá tendo muita criança diagnosticada com autismo e outras coisas. E, às vezes, esse olhar não vem de dentro de casa. Vem da escola. Então, a escola é um fator fundamental para descobertas, para alertas sobre as crianças. E com os pais, é muito gostoso. Porque, primeiro, os pais encontram na escola um apoio. Que, às vezes, em casa não tem. Às vezes, o pai quer trabalhar, não tem com quem deixar a criança.	Uma situação que pode vir a atrapalhar o relacionamento com a comunidade, a vida da criança na escola é a questão da violência. Esse é o ponto mais perigoso que tem, é a violência. Porque, como eu já falei, muitos são até filhos de pessoas que fazem parte do crime. E aí, pelo medo, às vezes, de também da mãe. Vai que essa criança sai de casa pra ir até a escola, porque tem medo de acontecer alguma coisa. Tanto as outras crianças, que os pais também têm esse medo. Meu filho tá na escola, vai que acontece um tiroteio, vai que acontece algo de violência. Então, isso atrapalha muito. Porque muitos não querem matricular seus filhos pela violência. Os que já estão matriculados, os pais não querem andar pela violência. Então, a violência em si é um dos principais fatores para que isso não seja tão complicado pra criança.

		Enfim, às vezes, também não tem muito o que comer dentro de casa. E aí, na escola, sabe que a criança vai ter essa alimentação. Então, preferem que a criança fique na escola do que em casa. Passando algum tipo de necessidade. Então, assim, a escola pros pais é fundamental. É o apoio que muito pai não tem. Às vezes, uma mãe, uma avó que o pai não tem ou a mãe não tem. E busca refúgio nessa escola. Porque você ter uma creche, ter uma escola é ter uma esperança. Nem tudo está perdido. Então, a escola para a comunidade, eu vejo como uma esperança.	
Entrevistado 3	Não. Não muito valorizada, mas eu vejo que tem um tanto de respeito. Eu vejo que a comunidade tem aquele respeito, um pouco de temor pela escola. Porém, a valorização eu não vejo tanto.	Eu acho que sim, com certeza. Porque estamos dando oportunidades. Aos olhos da sociedade, a sociedade já está falida. É uma comunidade ruída. É uma comunidade violenta. Onde as pessoas são reclusas. Tem a mente fechada. As pessoas não são muito abertas. Então, eu acho que a gente está dando uma oportunidade. Porque talvez se a gente não estivesse aqui. Não digo só no prédio. Mas se a gente não estivesse fazendo esse trabalho aqui. Talvez muitas dessas crianças que estão hoje matriculadas não estariam estudando.	Com certeza a violência.
Entrevistado	Não, e isso é culpa	Sim, eu acredito que a	Com a comunidade, eu

4	nossa. A comunidade sempre esteve aqui, a escola chegou depois, e a escola tem tentado se inserir na comunidade, então a gente tem que se adaptar ao formato da comunidade. A escola é uma escola pequena, uma escola que não tem uma estrutura cinco estrelas como a gente quer, como a gente gostaria, então estamos trabalhando para isso acontecer, mas até isso acontecer, a gente tem muitas camadas, então a gente precisa conquistar a confiança dos pais, e oferecer um serviço de muita qualidade. E a escola também enfrenta os próprios problemas em questões de repasse de valores, então a gente não consegue investir em coisas que a gente gostaria de investir, justamente por conta desse repasse que demora muito. Então, isso prejudica também a estrutura da escola como um todo, então a gente não consegue ver isso, de fato, florescer. E claro que isso reflete lá fora. Então, a gente vê isso dentro da escola, e quem tá de fora vê muito mais, então assim, a gente sabe que existe um problema, assim, de	escola faz, sim, uma diferença positiva na vida da comunidade. Mesmo com todas as dificuldades que a gente enfrenta, de segurança, de verba, de estrutura, a escola é um lugar que acolhe, que cuida, que ensina. Aqui, a gente oferece muito mais do que só o conteúdo da sala de aula. A gente tenta, todos os dias, ser um apoio real para essas crianças e para suas famílias. Muitas crianças gostam de vir pra escola, sentem falta quando não podem vir, e isso diz muito. A gente vê o brilho no olho delas, a alegria de estar aqui, de aprender, de participar. E isso já é uma diferença enorme na vida delas. Às vezes, a escola é o único lugar onde elas têm uma rotina, onde elas se sentem cuidadas, onde são ouvidas. A gente também tenta estar perto das famílias, mesmo com a dificuldade de engajamento de alguns pais. Quando eles veem os filhos envolvidos, felizes, aprendendo, isso mexe com eles também. E é por isso que a gente insiste em projetos, oficinas, em ações comunitárias... Porque cada pedacinho disso ajuda a fortalecer o vínculo, ajuda a escola a ser vista como parte da vida deles, não como algo distante. Então sim, eu acredito	acho que, assim, novamente, é uma pergunta muito ampla. Mas, assim, eu diria que o principal é verba. Eu acho que o principal é o dinheiro mesmo. Então, assim, quando a gente tem dinheiro, as coisas começam a se fortalecer. Então, a gente melhora a entrada da escola, que é uma coisa que chama a atenção da comunidade. E isso faz a escola ganhar respeito, né? A gente consegue contratar profissionais mais experientes, né? Trazer profissionais para a escola, um psicopedagogo, por exemplo, né? Que a gente precisa dentro da escola. Um coordenador mesmo. Então, tudo isso são coisas que, de fato, vão fortalecer a rede de trabalho. Então, se não tem isso, obviamente que a escola vai ficar no básico. Então, assim, eu diria que é verba. É verba mesmo.
---	--	---	---

	comunicação, um problema, principalmente de comunicação, eu diria, a respeito disso, mas são coisas que a gente tenta sanar com o tempo, não vai ser de um dia para o outro, vai demorar, na prática as coisas são diferentes do que na teoria, então é muito fácil falar isso aqui, mas e na prática, como é que funciona? Então é difícil, a gente tá aqui todo dia, a gente sabe como é difícil, então a visão de quem tá lá de fora, eu sei que não é perfeita, assim como a gente sabe, né? Daqui de dentro, o que realmente não é, então a gente tenta fazer o máximo que a gente pode para melhorar isso anualmente.	muito no impacto positivo que a escola tem aqui. Pode não ser do tamanho que a gente sonha ainda, mas é real, é sentido, principalmente pelas crianças. E é por elas que a gente continua, todos os dias.	
Entrevistado 5	Eles não trazem essas vivências deles relacionadas à droga para a nossa sociedade, para a nossa comunidade escolar. E esse respeito que eu falo é no sentido deles não prejudicar o nosso trabalho, eles acabam não respeitando o nosso espaço, porque quando eles têm o espaço deles, eles acabam que, tirando a oportunidade da gente adquirir um certo respeito na comunidade, porque	Eu acredito que sim. Só os pais estarem vindo matricular as crianças, elas já estão dando valor ao projeto, né. Os profissionais que aqui estão foram selecionados através do público, também já são importantes, né. Os pais conversarem com as famílias, também eles vão escutarem, também já é um ponto importante. A escola dando apoio aos profissionais também. Se profissionalizar também é um apoio importante.	Com certeza é o uso de drogas, porque isso traz a violência, né, traz o abandono, traz a falta de respeito com o nosso projeto, porque acabam que desvalorizando o nosso trabalho, que é um trabalho tão grande, né, um trabalho tão significativo para tantas outras pessoas, e por esse uso de drogas

	eles têm o mundo deles, né, e é um mundo voltado para a violência, porque envolve dinheiro, e esse respeito que eu falo nesse sentido deles, por eles se respeitarem em si, acaba que respingando a comunidade escolar. No entorno da comunidade, é lógico que tem pessoas boas, também vão ter pessoas ruins, mas como a nossa clientela maior são filhos de pessoas relacionadas a que usam a droga, acabam desrespeitando o nosso trabalho. É lógico que de 5%, a gente tira 20%, que são as pessoas mais idosas, tem pessoas que já tem um pensamento diferente, que elas valorizam o nosso trabalho, mas a grande parte desvaloriza, desvaloriza no mesmo sentido, já de não mandar os filhos para a escola, por eles mesmos não terem essa visão de mundo, né. Então eles desrespeitam o nosso trabalho, no sentido da ameaça com os funcionários para virem até aqui, porque afinal de contas, toma-se a ameaça aos filhos de outras pessoas que acabam sendo	Tudo que envolve esse projeto, é um projeto muito pensado, sabe. O nome, o fundo, tudo é pensado. Estrelinhas do amanhã. Estrelinhas, elas se referem de fato às crianças. Elas são as estrelas. E as estrelas, elas vão brilhar. A brilhar o amanhã. O amanhã, o que sabe que é o amanhã, o depois, o futuro. O futuro longo, o futuro bem próximo. O projeto, ele tem uma essência. A essência do educar em si. Os professores que aqui estão são professores capacitados e a gente sempre incentivando aqueles que em relação a se capacitar e com aquilo que a gente leva da vida, né. E é importante até mesmo pra gente ter referências. Que esse aluno saia daqui, chegando numa outra escola, chegando no outro instituto de uma maneira positiva. Que as pessoas acreditem no nosso trabalho. Esse projeto, ele tem a função de realmente levar a palavra positiva no âmbito que ele quer levar. Com todas as dificuldades, que é isso que a gente, de fato, não tenta escorrer, né. Porque qualquer instituição faz isso, talvez até pior. Mas que a gente não traz isso pro nosso dia-a-dia. Que a gente tem que pensar sim só no futuro dessas crianças.	
--	---	---	--

	desrespeitadas pela existência deles, né. A existência deles não transmite confiança na gente, isso já é um desrespeito, né, que a gente não consegue se sentir confortável com a presença deles. Quando tem alguma ação voltada ao uso de drogas, a gente fica prevenido, a gente já não quer mais trabalhar, a gente já impede que as crianças também venham para a escola. Então, isso para mim é falta de respeito para com a comunidade escolar.		
Entrevistado 6	Depende muito, acho que até certo ponto, sim, é valorizada, mas acredito que poderia ser bem melhor. Mas talvez seja culpa nossa.	Acredito que sim, a escola traz um sopro de esperança para famílias e principalmente para crianças que talvez nem tivessem oportunidade.	Acredito que falta de entrosamento nosso com eles, então pode ser um pouco nossa culpa. Mas a falta de verba nos limita bastante.
Entrevistado 7	Acho que é valorizada sim, tanto de boca, quanto de ações. Eu vejo que os pais que chegam não querem mais deixar a escola.	Acredito que faça sim muita diferença positiva na comunidade. Porque a gente oferece segurança e conforto, tudo isso para os pequenos.	Acho que o que mais atrapalha é a violência.
Entrevistado 8	Acho que sim, eles valorizam sempre nosso trabalho.	Sim, faz bastante diferença e de maneira muito positiva, estamos em uma comunidade ainda desacreditada de um futuro melhor e a escola traz um pouco de esperança.	Acho que o mais atrapalha é a violência cada dia mais evidente.

Fonte: Autores (2025)

O impacto social é reconhecido como positivo e transformador pelos funcionários, mas que precisa ser melhorado, fomentar uma maior aproximação com as famílias. A escola é reconhecida como um espaço que vai além de sua função tradicional, funciona como ambiente de proteção, cuidado e esperança. Mas ainda há barreiras enfrentadas como violência.

Tabela 7 – Respostas dos funcionários sobre a participação das famílias nas atividades escolares

	Perguntas	
Identificação dos entrevistados	Que ações a escola faz para trazer as famílias para mais perto do processo educativo?	Os pais ou responsáveis participam das reuniões e eventos? Como você vê essa participação?
Entrevistado 1	Além das festinhas que fazem parte do calendário escolar, a escola está sempre promovendo ações sociais, palestras com profissionais da saúde, além do bazar.	Quando se trata de reunião para falar sobre os rendimentos dos alunos, a frequência é menor, já nos eventos é bem diferente a presença dos pais é maior, eles preferem se comunicar através dos grupos de WhatsApp.
Entrevistado 2	A escola faz muitas ações como o Bazar. O Bazar serve tanto para ajudar a escola como aproximar os pais da comunidade da escola. É uma porta de entrada para que os pais possam também comprar aquilo que eles precisam com o valor muito pouco. E também ajudar a escola, também nas festinhas. Que são ações que são livres pros pais estarem presentes. Então eu acho que a escola faz, sim, ações como essa para que os pais estejam presentes na escola. Aproximar mais.	Sim, eles participam tanto das reuniões quanto dos eventos. E os pais participam até de, às vezes, momentos que não são reuniões. Eles têm um livre acesso aqui na escola, porque como é a escola e a família. Então, a direção, ela sempre dá esse acesso bem livre para que os pais possam estar na escola. Tanto no momento de reunião, como de confraternização. Festinhas que os pais possam participar, eles vêm, sim. Eles participam tanto de forma diretamente ou indiretamente. Indiretamente, mas participam. E eu vejo, sim, que eles têm bastante acesso à escola. Assim, tem alguns que não participam muito. Mas isso é mais dos pais mesmo, do interesse dos pais. Porque tem pais que gostam de estar presente. Tem outros pais que fazem de tudo pra não estar presente. Pais que acham que só trazer o filho pra escola é suficiente e pronto. Tem muitos desses

Entrevistado 3	No meu ver, eu acho que a escola... A gente não está trabalhando muito com projetos, mas a gente tem muita visão de projetos futuros. E eu acho que a gente somos uma instituição que é muito presente na vida da população. A gente conversa com os pais, recebe opiniões. A gente tem um vínculo, de certa forma, com os pais e os alunos e acabamos tendo também com a comunidade.	Digamos que numa escala de 1 a 10, 6% dos pais participam. Com certeza é um número que a gente gostaria de ser pelo menos 9% ou 8%, mas ainda está na escala de 6%. Pouca participação, né? Pouca participação. E isso entra dentro do que eu estava falando da valorização, da educação, de levar a sério. De não ver a escola como uma instituição séria.
Entrevistado 4	Assim, a gente oferece alguns tipos de bazar, né? Que a gente faz aqui de vez em quando, geralmente 2 ao ano, a cada semestre a gente faz o bazar aqui na escola. Até o presente momento, a gente trabalha com isso e também já trouxemos para cá consultas com o Clínico Geral Conhecido da região aqui de Ribamar, que fez consultas aqui durante o período, foi muito bom essa época, a gente teve muitos pais que vieram aqui, também já teve duas vezes consultas de óculos duas vezes, foi também muito bom, foi muito visitado também, e a tendência é que isso cresça mais. Claro que isso depende da disponibilidade da outra pessoa, a gente precisa conhecer, ter um tipo de comunicação ali, para além do profissional. Mas eu penso muito em trazer oficinas relacionadas às mães da comunidade, para que elas possam empreender. Então, assim, usando coisas manuais. Também tem o fato de que aqui a gente trabalha perto do mangue, né? Então, tem muitos pescadores aqui na região, então trazer algum curso voltado para essa questão de barco, de canoa, para os pais, né? Para os homens que, na maioria das vezes, aqui é quem pesca, né? E é isso, assim, eu penso muito sobre isso	Então, assim, poderia ser melhor, né? Poderia ser muito melhor. Eu não vou dizer, ah, é tudo culpa, não, não, de forma nenhuma, até porque, como eu falei, são muitas camadas. Então, assim, os pais de fato não frequentam muito, a gente tem maior participação às vezes da sala do Pré 2, que eu acho, são os pais mais participativos da rede aqui da escola, e também o maternal, algumas do maternal também são frequentes, mas a gente tem muitos déficits aqui a respeito disso. Reuniões de pais que muitos pais não vêm, a metade não vem na reunião, então, assim, acaba que a reunião acontece, mas ela não tem resposta. Então a gente faz, pensa no objetivo, faz a reunião, mas não tem retorno. Então a gente já percebeu isso em vários momentos, a gente criou um projeto para isso, que é o Estrelando Juntos, Pais e Escola Brilhando Juntos, também tem esse projeto na escola voltado para as reuniões de pais, porque a gente envia muitos pais para conversar sobre as crianças, faz dinâmicas, enfim. Foi muito bom na última vez, eu senti que teve muito retorno, mas depois disso, eu sinto que os pais, por exemplo, reuniões do meio do ano, é difícil demais. É mais fácil as reuniões de início do ano, do final do ano, do que as do meio do ano, parece que os

	também, já pensei em trazer curso de línguas para as crianças da comunidade, eu acho muito legal também, só que eu acho que esse aí, eu acho que ele vai demorar mais, né? Principalmente esse de línguas, porque a gente primeiro precisa se acostumar com o padrão, né? Para depois trazer esse, para terem acesso a esse tipo de curso, então isso aí é muito bom, só que até o momento a gente não teve um canal viável para isso, né? Então é algo que a gente conhece, que possa vir e que a gente possa resolver, né? Financeiramente quanto sairia, quanto seria, enfim, para poder divulgar isso para fora e trazer os pais para a escola, não só os pais, mas as crianças também da comunidade, tem muita criança da comunidade que não estuda porque não quer, né? Porque os pais não incentivam, ou então porque a criança simplesmente não quer ir para a escola, ela desiste dos estudos e simplesmente os pais acatam isso, né? Porque foi algo que estava acostumado para eles também, então é um ciclo, né? As gerações, gerações, então se eu não tiver, por que eu preciso sentir o meu filho também a ter isso, né? Então às vezes é por esses motivos bem aí.	pais não têm interesse em saber do rendimento da criança, né? Muitas das vezes é disso também, mas como eu falei, existem dois lados, né? Muitas camadas também falam sobre isso. Primeiro, tudo bem que o pai não vem, mas também o que a escola está fazendo para trazer ele. Então, assim, tudo isso é um conjunto de coisas, não dá para dizer que é só o pai ocupado ou só a escola. Afinal de contas, a escola e os pais andam juntos. Então, não tem como a gente só cobrar do outro se a escola também não impulsiona, né? Então, assim, eu sinto que esses impulsos da escola, eles são muito pontuais, assim. Então, assim, não é uma coisa constante. Isso é uma coisa que a gente precisa trabalhar, é a constância em estar chamando os pais, em estar desenvolvendo projetos. Eles precisam ver as crianças envolvidas nos projetos para saberem que eles têm que se envolver também, né? Então, tudo isso faz parte da comunicação da escola que a gente falha.
Entrevistado 5	Na verdade, esses projetos, eles já pensou se tem que ser realizado, mas, por conta dessa vivência, né, que a gente já, no cotidiano, a gente acaba que, como é que eu posso falar, perdendo tempo, né, porque tempo nunca é perdido, né, mas a gente sabe que isso é difícil acontecer, como eu tô falando. Como eles têm coisas mais importantes, né, na vida deles, eles colocaram na cabeça que a educação não tem valor, né. Mas, assim, a	Na verdade, por eles estarem envolvidos num outro mundo, né, avocados para o uso de drogas, eles não têm essa visão de escola, eles não se preocupam com a verdade, né. E essa que é a função da escola, é tentar resgatar esse sentimento, esse valor deles. Mas, acho que nunca aconteceu nesses quatro anos, eles participaram de qualquer tipo de evento. Geralmente, quem vem é uma mãe ou uma avó, mas eles, mesmo assim, nunca

	gente não para, a gente fica falando mensagens, a gente tem o nosso grupo interno da escola, que a gente sempre fica incentivando, né, mas a gente também não pode desacreditar, né, porque, afinal de contas, são os filhos deles que estão aqui na escola. E eles veem o nosso trabalho, eles observam quanto é que eles acreditaram no nosso trabalho, e que eles matricularam o filho deles aqui. Então, isso é um ponto a nosso favor. E lá no fundo também, eles veem que o projeto aí, ele é importante, né, embora eles não estejam aqui na escola, eles não estejam, se a gente fizer algum projeto de voltar o filhinho pra cá, eles não virão, mas a gente só está aqui, né. É um projeto, na verdade, a escola tá com ideias dessas, é um projeto muito importante, porque, afinal de contas, a gente criou pra eles um certo espaço de valor, né, a gente não interfere no trabalho deles e eles também não interferem no nosso. Não, nunca vieram com qualquer tipo de ação, que viessem se prejudicar dentro da escola. Eles fazem totalmente fora da escola. Só que acaba trazendo medo pra gente, né, porque a insegurança provém desse certo medo. E quando a gente fala em segurança, a gente pode estar resguardando algumas situações, né, resguardando as crianças de serem, sei lá, surpreendidas por uma bala perdida, a gente mesmo, sofrer algum atentado na rua, no campo. Por essas ações, a gente acaba se esquecendo de alguns projetos, né. Mas quando tem algum evento na escola, a gente anda na comunidade, anda nas ruas e nunca acontece nenhum ato, ao	presenciaram nenhum tipo de evento da escola. E, sinceramente, acho que tá difícil, por conta de vários fatores, por abusos, por poderes mesmo entre si, é difícil saírem dos seus lugares de habitat para eles irem até a escola. Eles vão dizer que é bobagem, eles veem a escola como uma coisa banal, que nada, que não tem futuro. E eles já colocaram na cabeça que o futuro é a droga, e que é o que move o dinheiro, que é o poder, que é o certo poder que eles têm entre si, mas participar mesmo, de fato, eles não participam.
--	---	--

	contrário, eles batem palma, né, ficam felizes. Mas, assim, participando dentro da escola, eles não participam. Na verdade, é uma participação, só eles estarem, né, como é que eu posso falar? Estarem ali aplaudindo, super passando na rua, eu acho que já é um ponto a nosso favor, né. E eles também estão vindo aqui na escola, matriculando. Eles não, mas assim, as famílias, né, quem vê. Mas eu acho que gera uma ação, né. Eu sei que não é cem por cento, mas é um pontinho e que sabe um dia eles não virão, né assim	
Entrevistado 6	A escola promove algumas ações abertas ao público como: bazar, ações que envolvem saúde, vacinação e etc.	Levando em consideração a quantidade de alunos matriculados, acho pouca participação. Em relação a reunião os pais estão presentes, pelo menos a maior parte, mas nos eventos eles não vão tanto
Entrevistado 7	A escola faz várias ações, festinhas, se doa muito para os alunos, essa é a resposta mais segura que eu tenho, de que a gente faz de tudo para que sempre tenha clareza dos pais quanto a escola.	Alguns pais participam sim, outros já nem tanto, mas é algo normal do cotidiano
Entrevistado 8	A escola faz algumas ações sim, como bazar, consultas médicas, entre outras ações	Eu vejo muitos deles nas reuniões e eventos, mas nem todos.

Fonte: Autores (2025)

As respostas apontam que a escola realiza ações para estimular a presença e o envolvimento das famílias, como bazares, atendimentos de saúde, palestras e canais de comunicação via WhatsApp. Tal fato, revela o esforço por parte da instituição para trazer os pais e responsáveis, mas o fortalecimento desse vínculo exige um pouco mais de trabalho, o envolvimento ainda não é alto mas não é inexistente e pode ser potencializado.

Tabela 8 – Respostas dos funcionários sobre a comunicação entre escolas e responsáveis

	Perguntas
--	-----------

Identificação dos entrevistados	Como é, na sua visão, a relação entre os profissionais da escola e os pais ou responsáveis? Vocês conversam com facilidade?
Entrevistado 1	Os profissionais e os pais têm um bom relacionamento, sempre tivemos um bom diálogo, falando claramente sobre as crianças, respondendo às perguntas dos pais e informando sobre as dificuldades e limitações, e o bom desempenho de cada criança na escola.
Entrevistado 2	Entre o corpo docente, é uma boa relação. É uma relação de muita conversa. Um aprendendo com o outro. Porque sozinho a gente não faz muita coisa, se não tiver outro pra ajudar. A gente divide muito opiniões. E todas as opiniões são bem-vindas. Depois é analisado para ver qual senso ou consenso chega. Todos os funcionários são bem ouvidos. Também, no momento que a gente precisa ouvir, a gente ouve, analisa e melhora. E é uma boa relação. Uma relação bem verdadeira e clara. Bem ampla pra todo mundo. E a relação dos funcionários com os pais é uma boa relação também. Porque, como eu já falei, é uma escola que abrange a família. Então, todos os pais estão ouvindo a escola, os funcionários. Tanto professores, como a parte administrativa deles, ouvem os pais... Pode ser reclamação, pode ser opinião, pode ser algo para melhorar a escola. Sempre eles são ouvidos. E a escola, os funcionários tentam, de alguma forma, melhorar. Ou até mesmo ajudar. Porque também, muitas vezes, os pais precisam de ajuda. E nós, como funcionários, estamos aqui pra ajudar. Tanto os pais como os filhos. Então, é uma boa relação que os pais têm com a escola, com os funcionários.
Entrevistado 3	Eu não tenho essa dificuldade. Dá para ver que eles são ouvintes. Só que eles não levam a sério. Eles não fazem o que de fato a gente manda. Tipo, um exemplo, quando a gente diz, não manda brinquedo. Não traz a criança maquiada. Não traz uma peça de roupa. É uma coisa que alguns não fazem. Mas outros fazem, entendeu? Então dá para ver que eles são ouvintes. Então eu não vejo uma dificuldade tão grande em relação a nós professores, nós funcionários com os pais. Eu não vejo. Entre os funcionários, eu acho que a relação mais vinculada da escola inteira é a nossa. Sim. Eu acho que a gente vive em um ambiente muito espontâneo, entendeu? Nós somos muito espontâneos. E eu vejo que a gente, nosso ambiente de trabalho, a gente é verdadeiramente humano, é o que eu realmente sinto. Faltam algumas coisas para a gente melhorar. Eu acho que algumas pessoas estão com opiniões muito fortes, cada um tem a sua opinião. Obviamente, nós somos humanos. Mas eu vejo que a gente, nós somos uma equipe muito... Entendeu? Que vamos chegar longe.
Entrevistado 4	Primeiro, os profissionais da escola, uns com os outros. A meu ver é muito boa. Esse ano, como eu falei, a gente mudou um pouco o docente da escola. E acho que a gente tem conseguido, na verdade, alimentar mais essas funções umas com as outras. Então, a gente consegue interligar mais. Novamente, somos pessoas diferentes. Vivemos em locais diferentes. A gente se encontrou aqui. Mas a gente sempre vê que elas estão satisfeitas com o

	trabalho delas. Pode não ser o salário ideal. Inclusive, a gente está caminhando para isso. E estaremos esse ano, graças a Deus, dentro do padrão que precisa ser, de fato, dado para todo mundo. Então, assim, eu acho, nesse momento, que está muito bom. Eu não diria um excelente, porque eu não sei... Mas de onde nós já viemos para cá é muito bom para mim. Quase excelente. A gente trabalha num lugar manhoso. As pessoas são legais com você. Você construiu amigos aqui. Não só colegas de trabalho. Então, eu, por exemplo, tenho amigas no meu trabalho. Tenho minhas colegas, claro, mas também tenho amigas. Então, isso, assim, hoje, a meu ver, é um ponto alto nosso. É um ponto interno alto. Justamente, essa união que a gente tem. Essa proximidade que a gente tem construído. Claro que isso não é completo. Essa união que eu falo, não é em todos os setores da vida. Dentro da escola, tem momentos mais altos que os outros. Então, a gente precisa lidar com as pessoas. Você precisa equilibrar isso, às vezes. Mas, de forma geral, eu diria que é um muito bom, quase excelente. E sobre os pais. Com a escola, os pais com as professoras, pelo que eu observo, também é muito bom. Principalmente com o maternal, que é os menores da escola. Então, as mães têm muito esse afago com os bebês. E elas veem que as professoras também oferecem esse carinho com as crianças. Então, assim, eu ouço vários relatos das meninas do maternal falando que as mães ligam no final de semana pra elas. Ah, meu filho tá aí, não sei o que. Pra conversar com elas sobre a criança. As mães se sentem à vontade em conversar com as professoras. Em mandar relatos, em mandar fotos, vídeos das crianças. Então, eu encaro isso como uma coisa muito boa. Significa que as mães gostam do carinho e da atenção que a criança recebe dentro da escola. Em relação aos maiores, que é o Pré 1 e o Pré 2, também é muito bom. A professora, claro, cada professor tem seu perfil. Umas são mais carinhosas do que as outras, mas todas têm a mesma atenção. Então, a do Pré 1, a professora do Pré 1, ela é mais séria. Mas ela posta todo dia foto das crianças, mostra o trabalho que ela está desenvolvendo, o rendimento da criança. As mães do Pré 1 estão muito satisfeitas com o trabalho da professora. A gente sempre ouve elogios sobre ela. Então, assim, eu não tenho o que reclamar. E do Pré 2 é a mesma coisa. Essa do Pré 2 é a sala mais cheia da escola. É a sala que as crianças não faltam e gostam de vir para a escola. Quando não vêm para a escola, elas ficam no pé da mãe, importunando. Quero ir para a escola, quero ir para a escola, quero ir para a escola. Então, assim, a criança querer vir para a escola é porque ela ama muito a escola. Então, assim, consequentemente, as pessoas que estão aqui amam a atenção que recebem, amam a educação que recebem. Então, eu encaro também como muito bom.
Entrevistado 5	Eu até gosto muito da relação dos professores com os pais, sabe. Eles vêm, adentram na escola, eles vão até a sala, conversam, não esperam só de agir. Eu acho superinteressante, porque dificilmente isso acontece, né. Até porque a gente abre mão pra isso acontecer, né. Não é só reunião pra ter esse tipo de conversa. Não tem porquê, até porque reunião tem um calendário

	programado, né, uma vez por semestre, então fica muito longo. Mas a gente tem esse feedback com os pais sempre. Acho que praticamente todos os dias a gente tem. Em relação aos professores e funcionários, eu acho excelente. Na verdade, excelente. A gente almoça junto, a gente ri junto, a gente conversa de coisas boas no dia a dia. Volta e meia o assunto é os meninos. Quando eu falo, o assunto é os meninos. Quando eu falo uma coisa, os meninos estão no meio. Isso quer dizer que cada um sabe o que acontece na sala do outro, né. Não tomam só pra si o problema. Cada um vem, dá uma participação e aí cada um adquiriu a mão. Mas temos facilidade. Muito bem que é um grupo pequeno. Nós somos nove funcionários e as nove, inclusive eu, passam o dia na escola. Isso é muito prazeroso, porque a gente acaba aqui sabendo da vida de todo mundo, aqueles problemas das vivências e todo mundo está pronto para ajudar. Quando há falta, algum tiro, precisou, chegou atrasada, a gente está sempre se ajudando. Espero que esse vínculo não mude, né. E é muito bom a gente trabalhar entre essas humanidades, porque facilita os trabalhos, ninguém julga ninguém, todo mundo está pronto para ajudar o outro, né. Eu gosto muito de trabalhar nesse ambiente. Eu sempre gostei desse ambiente escolar, eu gostei desse clima. Por gostar desse clima, eu proporciono, todos sentem-se à vontade, desde a entrada até a hora da saída. Pra você ter noção, tem funcionários aqui que gostam de ir pra casa, sabe? Vocês ficam gostando da escola, que raiva o computador do facultativo, seu médico é com trabalho, né. Porque então a escola traz prazer de estar aqui, né. E isso é bom, né, porque... Então, quer dizer que a pessoa gosta de trabalhar, embora todos os problemas, seja a distância das suas residências, por ser uma área de risco, por ter as crianças, às vezes faltosas, por ter tia, pais problemáticos. Mas, assim, esses problemas não interferem na vida social da gente. A gente não consegue trazer esses problemas pro nosso cotidiano, não consegue. Porque as crianças acabam tirando esse problema de lado, e a gente acaba fazendo até melhor do que a gente planejou, né, pra eles. Talvez o que a gente planejou não chegue aos pés do que é o dia-a-dia. Espero que esse clima não se quebre, que continue pra vida. E que daqui saibam todos os profissionais tantas oportunidades e que leve a imagem positiva do Instituto de Educação no mundo.
Entrevistado 6	A relação entre os funcionários é muito boa, todos se dão bem e bem um relacionamento próximo e leve. O relacionamento com os pais acho bom também, ambos se respeitam.
Entrevistado 7	Em relação à comunicação de profissionais, pais e responsáveis é muito clara e direta, com constância.
Entrevistado 8	A nossa relação é muito boa, melhorou muito do ano passado para esse ano, muito por conta da chegada de novos funcionários. O relacionamento com os pais e responsáveis é bom também.

Há um consenso entre os funcionários de que a comunicação em geral seja com os pais e responsáveis ou entre os funcionários é positiva. A escola mantém um diálogo aberto, acessível e respeitoso com as famílias, priorizando o acolhimento. Mas surgem alguns obstáculos, principalmente no que diz respeito ao comprometimento de parte dos responsáveis em cumprir orientações simples. Embora os entrevistados considerem os pais ouvintes, nem sempre há adesão às normas da escola. Do ponto de vista interno, a comunicação é retratada como colaborativa, humana e espontânea, favorecendo um ambiente de trabalho saudável e fluido.

Tabela 9 – Respostas dos funcionários sobre a representatividade cultural e identidade

	Perguntas
Identificação dos entrevistados	A escola consegue transmitir a cultura de São José de Ribamar para os seus Alunos?
Entrevistado 1	Sim, a escola, através de projetos, mostra os costumes, a cultura da nossa terra e o jeito que são representadas.
Entrevistado 2	Sobre a cultura, eu acho que a escola mostra a cultura. Porém, acho que deveria ser um pouco a mais, né? Algo mais profundo. Mostrar mesmo pros alunos sobre a cultura. Sobre isso, não só a questão da festividade, né? De danças, que também faz parte da cultura. Mas a culinária, né? Da nossa cidade. Teria algo muito bom agora que der na minha cabeça. A culinária, que é sobre comida, né? Tem muitas comidas boas, típicas da culinária, na cidade. Então, se a escola trouxesse mais isso pra dentro. Tanto a comida, como várias coisas que são feitas aqui na cidade. Eu acho que poderia ser introduzida dentro da escola. Seria uma ótima ideia, né? Trazer isso mais pra cá, pra eles.
Entrevistado 3	Eu acho que sim. Bastante, principalmente nas datas comemorativas. A gente tem muito esse cuidado de fazer com eles, com que eles participem das coisas. Tipo, agora no folclore, no São João, na Semana Santa, entendeu? Isso é uma coisa que a gente está sempre trazendo a tradição da cidade. Até porque nós não estamos aqui relatando religião, nós estamos aqui falando sobre educação. Nós estamos impondo educação para eles. Então eu vejo que a gente faz isso da cultura. A gente mostra para eles, mesmo que seja pouco, não muito, mas a gente consegue.
Entrevistado 4	Não. Queria que eu conhecesse mais, mas não. Eu acho que, voltando para a situação da escola, e a gente volta para o mesmo sentido, tudo é uma questão de investimento. Então, novamente, a questão da verba, do dinheiro. A escola deveria ter uma

	pessoa só voltando para os projetos da escola, que pudesse trazer isso mais claro para as professoras. E também, eu acho que vem do desejo da professora em trazer esses projetos. A gente tem o dia da emancipação da cidade, que ano passado foi muito bem trabalhado, mas esse ano eu não gostei tanto do projeto que foi desenvolvido. Então, eu acho que ano passado eu fui mais rico nesse sentido, a gente teve mais projetos, a gente teve a apresentação dos pontos da cidade, da cultura. Então, esse ano eu acho que foi mais fraco do que o ano anterior. Inclusive, esse é um ponto que a gente vai tocar nas próximas reuniões para manter o padrão de projeto, porque não dá para você começar um padrão e depois ir baixando ele. Não tem como isso acontecer. Novamente, aquilo que eu falei. A gente não é 100%. Tem vezes que a gente faz um projeto, nossa, que incrível que foi isso. E tem vezes que, poxa, podia ter sido bem melhor do que foi. Então, assim, novamente, nós somos humanas, a gente também está aprendendo em alguns momentos. Então, eu queria que tivesse mais, sendo bem sincera. Talvez levasse isso para passeio, mas aí depende de transporte, assinatura dos pais para levar. E aí tudo, novamente, um transporte precisa ser pago. A gente precisa de todo mundo. Então, não é só um transporte, entendeu? Tem que ser dois para mais, dependendo da quantidade de pessoas. Então, tudo isso é assim. É uma coisa que envolve um monte de outras coisas, principalmente questão financeira. Se isso estivesse bem consolidado, essas coisas aconteceriam sempre.
Entrevistado 5	São José de Ribamar é uma cidade linda. E, assim, a questão dos nossos projetos ainda é pequena, mediante tantos outros que existem no município. Até pra ser uma escola de educação infantil. A gente dá pequenas pinceladas, falando um pouco desses projetos referentes ao São José de Ribamar, né, que é muito forte aqui. Mas, assim, não é muito... não é muito vivo dentro da comunidade escolar da educação infantil, especificamente daqui. Porque as crianças estão naquela fase de brincar ainda. Elas sabem que moramos em Ribamar, já identificaram a cidade. Os projetos vão acontecendo conforme a faixa etária de cada criança. Em até cinco anos, que é a faixa etária que a gente trabalha, ainda é considerado fraco, né, ainda é considerado fraco. Talvez vai intensificar quando eles estiverem lá no primeiro ano do fundamental menor, né, até lá do quinto ano. Mas, com certeza, essas culturas vão ser muito mais vivenciadas nas vidas deles.
Entrevistado 6	A escola se esforça, fazendo os projetos, algumas apresentações.
Entrevistado 7	Acredito que sim, por meio de alguns projetos, a escola tenta trazer um pouco da cultura para os alunos.
Entrevistado 8	Acredito que sim, há um esforço por parte da escola para trazer projetos e ações para a escola.

Diante das respostas, há um esforço da escola em abordar elementos culturais de São José de Ribamar, especialmente por meio de projetos e algumas atividades, mas que acontecem pontualmente. Alguns entrevistados ressaltam a necessidade de maior valorização da identidade local como um elemento importante na trajetória das crianças. Há também menções à dificuldade em consolidar as ações de forma estruturada devido às limitações financeiras e por se tratar de uma escola de educação infantil, algumas práticas são mais complexas de se inserir.

Tabela 10 – Respostas dos funcionários sobre propostas de melhorias

	Perguntas
Identificação dos entrevistados	O que você sugeriria para melhorar a relação entre a escola, os alunos e a comunidade?
Entrevistado 1	Mais projetos que beneficiem a todos.
Entrevistado 2	Uma sugestão é de fazer, como é que eu posso dizer? Tipo, umas festividades, festividades assim... De comunidade para a comunidade. É como se fosse uma quermesse. Eu acho que seria legal. Algo assim, que juntasse a comunidade dos vizinhos mais próximos, os pais, os alunos. Eu acho que seria muito interessante isso. Além do brechó, também, que a gente já faz. Fizesse rifa ou bingo. Algo que a comunidade estivesse envolvida ali. Porque ela já se sente próxima da escola. Pelos próprios. Pela própria gestora, pelas próprias pessoas funcionais da escola. Acaba que a comunidade já se sente próxima da escola. Também oferecermos curso de bolos, uma nutricionista. E que esse curso dê liberdade para as mulheres da comunidade, né? Porque eu já participei de um curso assim. Foi da igreja e foi aberto. Para as mulheres da comunidade. Também é um lugar muito perigoso. Mas as mulheres participaram. Ganharam o certificado da própria nutricionista que foi lá. E ensinou todas as receitas. Comprou todos os materiais que ela pediu. Aí foi juntado às mulheres. E essas mulheres botavam a mão na massa. Nessas receitas. E aí, no final, todo mundo comeu. E todo mundo ganhou seu certificado. Eu acho muito interessante. E seria muito legal que fizesse aqui.
Entrevistado 3	Na minha opinião, eu acho que a gente tem que fazer mais eventos sociais. Pequenos. Por exemplo, o Bazar. A gente faz o Bazar só uma vez. Então, eu acho que a gente tinha que fazer mais. Não só pela questão financeira. Mas também pela questão de aproximar a gente. E ter um vínculo da gente se aproximar mais dos alunos. Dos pais dos alunos. Das pessoas. As pessoas se sentirem à vontade. Dizer que na escola todo mundo é... É íntegro. São pessoas humildes de caráter. Então, eu achava que a gente tinha que fazer mais coisas assim. Que chamasse mais a atenção da comunidade para a escola. Para aproximar. Para ver a escola como um todo. Porque a minha escola... De pouco a pouco ela já é uma escola mais vista. A gente já anda por

	aí. Já fala com pessoas. Mas eu acho que a gente pode fazer mais. Sempre podemos, né? E faremos.
Entrevistado 4	Novamente, a questão da gente trazer projetos, oficinas e cursos voltados para tocar essas pessoas, em suas individualidades. Não, por exemplo, trazer um curso de educação. Não, não é isso que a gente quer tocar. Seria um curso mesmo para mulher. Então, o que pode fortalecer essa mulher nessa comunidade, com os recursos que ela tem? Entendeu? Então, como ajudar nesse sentido? Então, é isso daí. Trabalho individual para conquistar essa confiança para trazer para a escola. Eu acho que não dá para a gente querer fazer uma coisa tão direcionada no primeiro momento, porque a gente precisa primeiro conquistar, digamos que a confiança delas. Não só delas, deles também. Eu falo delas porque aqui a maioria ressaltou a criança e a mãe. O pai, às vezes. Mas a mesma coisa os pais. O pai, na verdade. Então, trazer meios, projetos e ações voltadas para coisas individuais dos pais, dos homens no geral, entendeu? Para depois fazer essa conexão com a escola. Que no caso é o quê? O projeto é feito aonde? Dentro da escola. E acaba que a gente emenda uma coisa com a outra. Então, a gente constrói uma amizade, constrói um companheirismo, a gente mostra o que está aqui, o que está presente, que local é aberto, que local ele pode receber quem quiser e fazer parte disso. Não tem designação de nada, não tem separação. Então, tudo isso são coisas que a escola, quando oferece um concurso assim, oferece algo nesse âmbito, a gente conquista. Então, isso são as conquistas que a gente tem que buscar, na minha opinião. E melhorar a comunicação. Eu acho que, com certeza, a comunicação é um ponto muito forte aqui. Esse ano foi melhor que no passado. Isso, para mim, é muito bom. Então, a gente tem melhorado, sim, com a comunicação. Os comunicados são mais frequentes, as chamadas são mais frequentes, as reuniões. A gente tem feito reuniões, agora, individuais com cada pai. Então, eu acho que isso é muito bom. Isso aproxima, ainda mais, os pais da gente. Então, esse é outro ponto. E a comunicação que eu falo é diretamente nesse sentido.
Entrevistado 5	Eu acho que acreditar mais no nosso trabalho. A gente tá faltando nisso. Acreditar que a escola é o futuro das crianças. Acreditar no nosso projeto em si. Acreditar que é daqui que vão sair futuros profissionais. Acreditar que todos os dias das nossas crianças vão pra escola faz sim diferença. Que eles são valiosos numa situação. Acreditar que a gente pode sim mudar as realidades. Que a educação é isso. A educação é um passo. Ela é um mundo. Ela existe perto. Ela é um mundo. E a educação é um outro mundo. Essa frase é milenar e não vai sair agora. Eu gostaria de, do fundo do coração, que essa realidade da violência fosse um dia mudado. Eu acredito nisso. Então, eu penso nesse sentido aqui. Acreditar na educação. Essa é a palavra.
Entrevistado 6	Talvez para trazer os pais, responsáveis e a comunidade, a escola poderia preparar algumas ações, como palestras, workshops ensinando coisas, como

	confeitaria, artesanato, dentre outras coisas.
Entrevistado 7	O que sugiro para melhorar, a compreensão por parte dos pais e que observar mais cada aluno, ter atenção ao que cada aluno precisa, apoio pedagógico.
Entrevistado 8	Acho que poderíamos fazer mais ações e festas com os pais quando possível.

Fonte: Autores (2025)

As sugestões demonstram uma preocupação unânime quanto ao fortalecimento dos vínculos entre seus públicos e um desejo de fortalecer os laços entre a escola, famílias e comunidade, girando em torno da criação de eventos sociais, festividades e cursos. Além disso, há um reconhecimento quanto a evolução na comunicação entre a escola com as famílias, o que gera resultados positivos e que deve continuar.

8.2 Resultado das Entrevistas com Responsáveis

Tabela 11 – Respostas dos responsáveis sobre o contexto familiar e comunitário

	Perguntas	
Identificação dos entrevistados	Como é morar no seu bairro ou comunidade aqui em São José de Ribamar?	Quais dificuldades você e sua família enfrentam no dia a dia que podem atrapalhar os estudos do seu filho(a)?
Entrevistado 1	Eu moro no Caura, e é um pouco desafiador por conta das dificuldades, seja de locomoção ou pela criminalidade.	Acho que até agora nenhuma
Entrevistado 2	No bairro onde eu moro estamos vivendo em pânico, onde não se tem mais paz pois eu tenho duas crianças autistas que já não é fácil. Eles estão vivendo em pânico eu como mãe atípico vivo no pânico qualquer barulho já estou chorando e achando que eles estão invadindo na minha casa	A minha dificuldade que eu enfrento, como falei, eu tenho dois filhos autistas, minha filha não para quieta. Isso, às vezes, atrapalha, pois todos que não sabem o significado de autista ficam julgando.
Entrevistado 3	É bom, de forma geral. Apesar dos desafios, a gente vai vivendo do nosso jeito, com dignidade.	Graças a Deus, nenhuma dificuldade no momento.

Entrevistado 4	Muito bom, apesar das várias dificuldades, como violência.	Quando vai passar algumas semanas com a família paterna e ele acaba não querendo ir para a escola.
Entrevistado 5	Bom, mas com alguns acontecimentos está se tornando muito perigoso nosso bairro.	Nenhuma, graças a Deus.
Entrevistado 6	Morar aqui é bom em alguns sentidos, mas ultimamente tem sido difícil por conta da insegurança. A gente vive com medo por causa da violência e isso afeta até o bem-estar das crianças. Às vezes, qualquer barulho já assusta, principalmente quem tem filhos pequenos ou filhos com necessidades especiais.	A rotina pesada do trabalho me deixa cansada, às vezes, não consigo ajudar minha filha nas atividades da escola.
Entrevistado 7	É desafiador, porque a comunidade que a gente vive tem seus altos e baixos. É bom que você conheça todo mundo, é um pouco desafiador porque a violência é grande, não só no meu bairro como no entorno. E aí a gente vai vivendo um dia de cada vez.	A dificuldade... Eu acho assim que mais o tempo, caso a gente não dê dica aos filhos. Eu falo isso mesmo que acontece na minha casa. E, tipo, a gente ao invés de querer brincar ou querer ensinar, a gente acaba dando no celular pra que eles vão se distraindo, né? Aí, às vezes, também deixa brincar, mas muito sozinha, né? E aí, isso acaba que, ao invés de ajudar eles, acaba atrapalhando um pouco a forma de paciência, que a gente também não tem. Às vezes quer fazer outra coisa, e a criança quer que a gente vá brincar, quer que a gente vá fazer isso ou aquilo. E, às vezes, a gente vai só deixando pra depois. E, ao invés disso, fazer com que a criança melhore, faz com que a criança busque em outras coisas. E acaba aprendendo também o que não é legal.
Entrevistado 8	É tranquilo. Apesar de algumas dificuldades, como transporte e segurança, temos uma comunidade unida e todo mundo se conhece.	Só quando ele adoece ou acontece algum imprevisto.
Entrevistado 9	Morar aqui é bom, mas tem seus desafios. A gente tenta fazer o melhor com o que tem.	Questões financeiras às vezes pesam, principalmente quando precisamos comprar algo extra, mas damos um jeito.

Entrevistado 10	É um lugar acolhedor, onde todo mundo se conhece, mas a gente também sente muita falta de infraestrutura e segurança.	A maior dificuldade é o cansaço mesmo.
Entrevistado 11	É tranquilo, apesar de algumas dificuldades com segurança, principalmente nesses momentos quando a violência. Mas tem muito valor afetivo para mim.	A rotina puxada.
Entrevistado 12	Morar no nosso bairro hoje está sendo muito difícil, por causa de tudo isso que está acontecendo, a violência na cidade. Antes era bom porque não tinha nada disso, a gente podia sair na rua de casa tranquilo sem nenhum medo mas hoje em dia não, estamos traumatizados pela violência.	A dificuldade no momento é a violência, não só no nosso bairro mas na cidade inteira.

Fonte: Autores (2025)

Diante das respostas, vemos que embora muitos dos entrevistados se sintam confortáveis com a comunidade em que vivem, ainda há relatos de dificuldades como a questão da criminalidade do local. Já sobre questões que dificultam a rotina de estudos dos alunos, a principal questão é a rotina e questões financeiras.

Tabela 12 – Respostas dos responsáveis sobre a relação da família com a escola

	Perguntas		
Identificação dos entrevistados	Como você conheceu a escola? O que fez você escolher essa escola para seu filho ou filha?	Você acha que a escola entende e respeita a sua realidade e da sua família?	Você acha que a escola tem ajudado no crescimento e aprendizado do seu filho(a)? Como?
Entrevistado 1	Conheci a escola através da Jojoca, diretora da escola, ela conversou comigo sobre e eu fiquei confiante nas palavras dela.	Eu creio que respeita sim, estão sempre abertas à conversa.	Sim, muito, vi muitas melhoras no meu filho
Entrevistado	A escola foi uma amiga	Sim, respeitam sempre.	Sim, pois minha filha não

tado 2	que me indicou onde minha filha adora estudar lá e os profissionais estão de parabéns		sabia nem pegar no lápis, hoje ela já escreve, cobre e já escreve o nome dela. Os profissionais se dedicam a todas as crianças
Entrevistado 3	Conheci a escola por meio de outras pessoas da comunidade. Como é bem pertinho de casa, ficou mais fácil confiar.	Sim. Nunca senti julgamento ou desrespeito. A escola entende que cada família tem sua realidade e respeita o nosso jeito de viver e criar nossos filhos.	Muito! Vi uma grande melhora no meu filho. Ele aprendeu bastante. A escola tem feito um ótimo trabalho com ele.
Entrevistado 4	Eu conheci porque moro próximo. Além de ser bem próximo da minha residência, eu gostei muito da didática pedagógica e meu filho se desenvolveu muito rápido e por esse motivo permanece ainda.	Sim, sempre me senti respeitada pela escola.	Sim e muito, na atenção, na fala, ele já tem uma coordenação motora maravilhosa.
Entrevistado 5	Por ser na rua da casa da minha avó, fica mais viável pra mim.	Acho que respeita sim.	Tem ajudado sim, hoje ele já sabe diferenciar cores, já conhece alguns números.
Entrevistado 6	Conheci a escola porque é próxima da minha casa, então ficou acessível pra mim.	Sim, eu acredito que a escola respeita bastante. Eles entendem a correria do nosso dia a dia e fazem o possível para acolher a todos, mesmo quando a gente tem alguma dificuldade.	Sim, bastante. Minha filha melhorou muito na fala, na escrita, no comportamento e até na convivência com os coleguinhas. A atenção que as professoras dão faz muita diferença no desenvolvimento dela.
Entrevistado 7	Eu conheci através da gestora. E aí ela sempre falou que vem da escola e o fato de eu também trabalhar na escola fez com que eu trouxesse ele pra casa, pra estudar aqui. É pra facilitar pra mim e pra eles	Sim, respeito, essa escola, ela atende muito ao público que está envolvido com ela. Porque ela exige, porém também não reprime se não tiver. Tipo, material escolar, eu vejo muito que é assim, é o que tem. Não é porque a criança não tem todos os	Sim. Porque eu acho que só eu mesmo acho que, né? Dei a conta que a escola me ajuda muito. Até porque hoje em dia as crianças têm um comportamento muito desafiador também. A gente pode dizer assim. Na questão do ensino, eu amo,

		materiais que ele vai deixar a gente estudar. A escola se preocupou muito quando ela não tem, quando falta. Então, eu acho que vai além só da questão da escola. Vai muito assim, se preocupar de fato com a criança, com a família, tem muito disso.	eu amei. Tipo, meu filho tem três anos de idade, já sabe escrever o nome dele. E é útil, eu falo pra todo mundo. Que ele já sabe escrever o nome dele, já conhece os números. Conhece as letras, né? Pela idade dele. Ele só tem três anos, mas ele não conhece só as vogais. Ele conhece as consoantes também. E sabe o que é o seguinte daquela letra. Na letra J, disso, daquilo. Enfim. E conhece cores, conhece tudo. Ele tem um bom desenvolvimento na idade dele. Então, a escola aqui é muito fundamental, importante pra isso.
Entrevistado 8	Uma amiga da igreja me falou. E escolhi a escola porque é perto de casa	Acho sim. Nunca me senti julgada, pelo contrário, me sinto respeitada como mãe e ouvida nas minhas dificuldades.	Com certeza. Ele melhorou na fala, no comportamento e até em casa começou a ter mais disciplina.
Entrevistado 9	Uma prima me indicou.	Acho que sim	Demais. Meu filho antes era muito tímido, agora se comunica, canta, desenha.
Entrevistado 10	A Jojoca me achou, falou da escolinha, me falou da importância da educação e me acabei indo e gostei muito de lá	Sim. A gente se sente acolhido, eles sempre nos escutam e ajudam quando necessário	Sim. Meu filho estava muito agitado e agora está mais centrado.
Entrevistado 11	Fica praticamente do lado da minha casa, então pra mim é mais fácil.	Muito. Sempre me escutam e são pacientes.	Sim, ele desenvolveu muito. Está mais sociável, organizado e até mais curioso.
Entrevistado 12	Eu conheci a escola através da diretora e o que me fez escola a escola para o meu filho foi pelo fato da escola ser	Sim, eu acho, eles sempre respeitaram, acima de tudo, de qualquer situação.	Sim, a escola tem ajudado no crescimento e aprendizado dele. Pela fala, ela já fala bastante, pelo aprendizado, ele já

	perto da minha casa e por ter pessoas de confiança para administrar		sabe as cores, os números, as letras. Ele já tem uma noção de tudo que faz.
--	---	--	---

Fonte: Autores (2025)

As principais formas pelas quais os responsáveis conheceram a escola e inscrevam seus filhos nela foi por indicação de conhecidos, sendo alguns deles indicado pela diretora e pela proximidade do local. Nos relatos dos pais, vemos que a escola atua respeitando a realidade de cada família e agregam no desenvolvimento dos alunos.

Tabela 13 – Respostas dos responsáveis sobre a comunicação e participação

	Perguntas			
Identificação dos entrevistados	Você se sente à vontade para conversar com os professores ou com a direção da escola?	Com que frequência você participa das reuniões ou eventos da escola? O que ajuda ou atrapalha você a participar?	Você conhece os projetos ou atividades fora do horário de aula que a escola oferece? Já participou de algum?	Você sente que sua opinião é escutada quando fala com alguém da escola?
Entrevistado 1	Sim, elas nos deixam à vontade para conversar.	Acho que eu nunca perdi uma reunião e nem eventos, a não ser quando é só pros alunos. Mas agora vai ficar um difícil por conta do serviço.	Sim, eu conheço, já participei dos bazares	Na verdade eu nunca dei nenhuma opinião
Entrevistado 2	Com certeza, estão todos de parabéns	Nas reuniões eu sempre vou em todas, já nos eventos nem sempre minha filha gosta de ir.	Conheço, mas nunca participei	Sim, Jojo é uma pessoa muito dedicada pois ela e os profissionais me ajudaram muito
Entrevistado 3	Sim, muito, elas são perfeitas	Vou em todas as reuniões e eventos que posso	Sim, já ouvi falar de alguns projetos	Sim. Sempre que precisei falar algo,

			que a escola faz. Ainda não consegui participar de nenhum	fui bem escutada.
Entrevistado 4	Sim, me sinto à vontade para falar com elas	Frequento em todas, o que atrapalha é o turno do meu serviço e só consigo participar quando tem algo pela manhã.	Não conheço nenhum projeto.	Sim, elas dão bastante espaço para falarmos.
Entrevistado 5	Sinto sim	Participo de todos os eventos e de todas as reuniões	Não conheço muito bem, mas já participei do bazar	Sim
Entrevistado 6	Sim, sempre que precisei falar, fui bem recebida. Me sinto segura em conversar com eles, até quando é sobre algo mais delicado.	Eu sempre vou às reuniões e tento participar dos eventos também. O que às vezes atrapalha é o trabalho ou quando o evento acontece num horário	Não conheço muito não	Sim, sempre me dão espaço
Entrevistado 7	Sim, me sinto à vontade	No meu caso, participar das reuniões e das atividades da escola são praticamente sempre, né? E o que ajuda... A participação dos pais aqui? Assim, a escola tem dados verdadeiros dos pais, né? É direto e diretamente, né? É bem aberto isso. E nas reuniões, sempre que tem também, os pais	Sim. Qual? Tipo, esses projetos que tu fala, fora da sala, né? Fora da escola. Fora da escola. Basar, o que ele já falou. No caso, tem as soluções sociais, como o Bazar, que é muito bom pra escola e para as pessoas da comunidade, né? Que é com preço bem baixo e de acesso a todo	Sim, porque eu acho que aqui na escola, como eu já falei, é uma escola que não se... Começando da direção, ela se importa muito com os alunos, com a família e, sim, eu acho que não só eu, como todos os pais são bem ouvidos, né? Sempre que alguém tem uma opinião ou tem algo a falar,

		sempre têm essa oportunidade. Não só nos dias de reuniões, né? A gente vê que mesmo em dias que não tem reunião, os pais têm livre acesso à escola. A falar com a direção e com os administradores que tem aqui na escola.	mundo, né? A escola já fez também o passeio, né? Foi dentro do meio ambiente, com as crianças, que foi muito importante pras próprias crianças conhecerem a comunidade e pras pessoas da comunidade terem mais clareza de que existe uma escola aqui e que existem crianças ali dentro dessa comunidade e que as pessoas no entorno, né? Vizinhas, pessoas que conhecem, já têm mais esse conhecimento sobre isso.	sempre que eles estão aqui escutando e vendo se pode melhorar ou me que pode ajudar. Sim, sim. Aqui em São José de Ribamar tem uma cultura muito forte, né? Tradições e tudo mais.
Entrevistado 8	Sim, elas são muito queridas.	Eu sempre vou nas reuniões e nos eventos que são abertos ao público	Sim, conheço o bazar e lembro que já teve vacinação na escola.	Demais, sempre que dou opinião, sinto que sou ouvida
Entrevistado 9	Sim, todas são muito gentis e acolhedoras	Nem sempre posso ir por causa do meu horário	Não conheço	Sempre que dou minha opinião, sinto que me levam a sério.
Entrevistado 10	Sim, principalmente com a diretora. Ela é muito humana, sempre recebe a gente com atenção.	Eu sempre tento ir, eu só não vou quando realmente não dá.	Conheço mas nunca participei.	Sim, sempre me trataram com respeito e atenção
Entrevistado	Nossa,	Eu me esforço	Conheço sim, já	Sim, sempre sinto

11	bastante, elas escutam a gente e são muito legais	muito para estar presente, acho muito importante.	participei do bazar que fizeram	
Entrevistado 12	Sim, sempre à vontade.	Eu participo com frequência de todas as reuniões e eventos da escola, o que pode vir atrapalhar de participar é o meu trabalho. Mas quando estou de plantão, minha irmã vai no meu lugar	Sim, eu conheço vários projetos que acontecem fora do horário de aula, fico por dentro de tudo. Estou no grupo do WhatsApp e olho todas as mensagens e sim já participei.	Sim, eu sinto que minha opinião é escutada, até porque eu estou a todo momento na escola conversando com os professores, principalmente com a professora dele, com a direção e todos que trabalham lá.

Fonte: Autores (2025)

A escola, segundo os responsáveis, mantém um canal de comunicação satisfatório, permitindo a interação dos pais, destacando as relações interpessoais com os funcionários, com destaque para a interação com a diretora. Em relação às atividades extras realizadas pela escola, não são de conhecimento de todos os entrevistados, sendo o mais notório o bazar.

Tabela 14 – Respostas dos responsáveis sobre sugestões e expectativas

	Pergunta
Identificação dos entrevistados	O que você gostaria que a escola fizesse para melhorar o aprendizado e a convivência dos alunos?
Entrevista do 1	Agora aqui é uma pergunta meio difícil, porque eu acho que elas são perfeitas em tudo que faz
Entrevista do 2	A escola tá de parabéns na minha opinião não precisa mudar não porque todos são excelentes estão de parabéns
Entrevista do 3	Pra mim, a escola já está boa do jeito que está.
Entrevista do 4	Queria que houvesse mais projetos interativos com natureza, artes, música e expressão corporal, estimulando a criatividade, a autonomia e a curiosidade e passeios de vivências. Também seria importante fortalecer o vínculo entre família.

Entrevista do 5	Sinto que a escola tem feito um ótimo trabalho com as crianças.
Entrevista do 6	Gosto muito do trabalho de todas, nada a acrescentar
Entrevista do 7	Aqui na cidade tem o hino da cidade, né? Eu acho que trazendo o hino, não sei se ele passa pra ser a cultura, mas eu acho que passa porque as crianças se familiarizam mais com a cidade. E aí... Sobre a pesca, né? Também acho que faz parte da cultura, também, se fizer um projeto sobre as crianças se fantasiarem, se vestirem de pescadores, de pessoas que trabalham aqui na cidade. Também tem as danças e sempre tem, que é mais voltada também para essa época de São João. E é uma cidade muito rica em cultura. Eu acho que se todos trouxessem mais pra perto seria legal. Tem muitas coisas que já são feitas e que podem ser feitas. Fazer, tipo, projetos aqui dentro... Trazendo também os pais para esse projeto. Tem um projeto legal que eu acho que faz com que as crianças façam um bolo. Tipo, botar as crianças de avental ou uma cuinha na mesa, porque é baixa. E cada criança vai participar dessa montagem do bolo, no caso, na hora de quebrar os ovos, de colocar farinha, de colocar o açúcar. E até com que esse bolo seja finalizado e depois que o bolo seja finalizado, todos ali vão comer. E eles, assim, vão saber que foram eles que ajudaram a fazer. Eu acho que a criança gosta disso também. Pode envolver os pais, pode ser que não envolva os pais nessa atividade, mas é uma atividade muito legal que eu acho muito interessante, que eu já até vi em outros lugares. E eu acho que seria uma atividade muito legal também a atividade de fazer com que as crianças se sintam úteis, né? Vamos limpar, vamos fazer algo diferente. E no final, agradecer até com um prêmio simbólico pra criança, pra que ela se sinta, que ela foi e tinha que fazer aquilo. Enfim, os passeios fora da escola são muito bons. Conhecer outros lugares, como também o dia-a-dia ambiente, levar pra conhecer um parque. A praia é mais perigosa, né? Mas com que as crianças também possam sair daqui e explorar outros lugares junto com a escola.
Entrevista do 8	Acho que a escola faz o seu melhor
Entrevista do 9	Mais atividades ao ar livre
Entrevista do 10	Não acho que tenha nada para melhorar
Entrevista do 11	Talvez mais eventos que seja aberto aos pais
Entrevista do 12	No momento nada, está tudo bem, estrutura boa, aprendizado bom.

Ao analisarmos as respostas, vemos que parte dos responsáveis entrevistados não apresentou sugestões adicionais sobre a atuação da escola, demonstrando satisfação e reconhecendo positivamente o trabalho desenvolvido. Das sugestões de ações que podem ser benéficas para as atividades escolares são a realização de mais eventos que envolvam os pais, podendo ser a realização de eventos culinários, dias temáticos tendo ações lúdicas para as crianças, visitas em pontos estratégicos de São José de Ribamar e mais atividades artísticas.

Tabela 15 – Respostas dos responsáveis sobre perguntas sobre a dinâmica familiar e relação com a criança

	Pergunta
Identificação dos entrevistados	Como você passa o tempo livre com seu filho?
Entrevistado 1	Quando dá, coloco para fazer atividade, mas a maioria do tempo ele brinca.
Entrevistado 2	Geralmente, tenho pouco tempo, ele brinca no celular quando está em casa
Entrevistado 3	Me divertindo, brincando, dou um jeito.
Entrevistado 4	Eu faço algumas atividades e brinco com ele.
Entrevistado 5	Eu não faço muitas coisas com ele, apenas deixo brincar.
Entrevistado 6	Tento passar tempo, ler e brincar também
Entrevistado 7	Eu gosto de fazer atividades com ele, tento levar meus filhos para passear
Entrevistado 8	Às vezes, assistimos desenhos juntos, leio historinha, mas a maior parte do tempo ele brinca com os amigos daqui da rua.
Entrevistado 9	Eu deixo livre para brincar
Entrevistado 10	Eu confesso que deixo ele brincando no celular pra eu conseguir fazer as coisas da casa
Entrevistado 11	Eu gosto de levar para passear
Entrevistado 12	Eu gosto de brincar com meu filho, fazer atividades que possam ajudar no crescimento e aprendizado dele, como pinturas, jogos, entre outros.

Fonte: Autores (2025)

As respostas indicam que, embora alguns pais consigam dedicar um tempo de qualidade aos filhos, parte deles, em detrimento de rotinas exigentes, ainda enfrentam dificuldades para desenvolver atividades de forma consistente.

9 PRODUTO DE COMUNICAÇÃO: CALENDÁRIO ACADÊMICO DE ATIVIDADES DO INSTITUTO

A partir das respostas obtidas nas etapas anteriores da pesquisa, compreendemos a necessidade de desenvolver um produto que estimule o engajamento dos pais e responsáveis no contexto da instituição. Entre as possibilidades levantadas, o calendário surgiu como uma estratégia central, pensado não apenas como um recurso de organização temporal, mas como um instrumento de planejamento educacional capaz de aproximar as famílias da rotina escolar. Tal aproximação se fundamenta na compreensão de que a educação da criança é um processo significativo e compartilhado, no qual a participação ativa dos responsáveis desempenha papel essencial. Assim, serão propostas ações e atividades que serão inseridas no calendário, as quais serão detalhadas ao longo deste trabalho, visando fortalecer o vínculo entre família, escola e comunidade. Projetamos um calendário de atividades que englobam atividades já existentes dentro da escola com ações que buscam integrar os pais ao cotidiano escolar das crianças.

9.1 Justificativa

Ao longo deste trabalho identificamos a necessidade de criar um produto que dialogasse com a noção de identidade proposta por Castells (1999). Essa identidade, de caráter defensivo dentro do contexto periférico em que se insere o instituto, revela-se como uma oportunidade de valorização cultural.

Considerando também o cenário atual, em que a ideia de comunidade vem se descentralizando do espaço local, propomos a criação de um calendário com atividades culturais a serem realizadas dentro da escola. O objetivo é fortalecer os vínculos entre funcionários, pais e alunos por meio da valorização de elementos culturais da região, com destaque para a pesca artesanal.

9.2 Duração

6 meses, correspondendo ao segundo semestre das atividades escolares que vão de agosto até dezembro.

9.3 Objetivo Geral

Promover o reconhecimento, a valorização e o respeito à diversidade cultural, religiosa e econômica da comunidade do Bairro Olho D'água, município de São José de Ribamar (MA), por meio de atividades educativas integradas entre escola, alunos, famílias e comunidade local.

9.4 Objetivos Específicos

- Estimular o envolvimento dos alunos e pais na cultura tradicional ribamarense;
- Fortalecer os vínculos entre a escola e a comunidade por meio da participação dos pais;
- Valorizar a economia e cultura local;
- Incentivar o respeito às diferentes expressões religiosas presentes no município;
- Desenvolver práticas pedagógicas interdisciplinares com base em elementos culturais e sociais locais.

9.5 Público de Interesse

Funcionários da organização-cliente, responsáveis dos alunos.

9.6 Estratégias de implementação

As ações serão realizadas de maneira mensal havendo um foco mensal das atividades, misturando atividades práticas e interativas. O cronograma será realizado durante o segundo semestre do ano de 2025. As atividades novas sugeridas serão feitas a partir de Setembro, Sendo ela: a) Inclusão de feriados católicos no calendário; b) realização de visitas; c) almoço com as famílias. Serão produzidos 2 calendários físicos e um

9.7 Checklist de ações

- Imprimir 2 cópias do calendário;
- Distribuir o arquivo PDF para os responsáveis.

9.8 Protótipo do Calendário

O design foi elaborado por nós mesmos, utilizando a plataforma Canva, no formato A2 (59,4 cm de largura por 42 cm de altura).

Figura 6 - Calendário acadêmico para o segundo semestre de 2025



Fonte: Autores (2025)

9.9 Recursos

a) Recursos Materiais

Tabela 16 – Recursos Materiais para Produção do Calendário

Material	Quantidade	Preço
Impressão do Calendário	2	R\$40-60
Total		R\$40-60

Fonte: Autores (2025)

b) Recursos Humanos

Tabela 17 – Recursos Humanos para Produção do Calendário

Material	Atividade
Coordenação pedagógica	Imprimir calendário e distribuir PDF para responsáveis

Fonte: Autores (2025)

9.10 Parâmetros de avaliação

- Cumprimento das atividades propostas dentro do calendário

9.11 Exemplificação de algumas ações do calendário

Entre as ações previstas para exemplificar a execução do produto, estão o Almoço com as famílias e o Passeio pedagógico, que serão detalhados a seguir

9.11.1 Almoço com as famílias

Organização de um almoço destinado à participação dos responsáveis.

9.11.1.1 Justificativa

Durante as entrevistas com os pais, a realização de mais atividades que os envolvessem foi uma pauta levantada. Em razão disso, foi decidido realizar esta ação para integrar pais e alunos em mesmas atividades.

9.11.1.2 Duração

Feito nos dias 8, 9 e 10 de Dezembro de 2025.

9.11.1.3 Objetivo Geral

Fortalecer os vínculos entre escola e comunidade por meio de encontros afetivos e participativos, com refeições compartilhadas entre pais, alunos e equipe escolar.

9.11.1.4 Objetivos Específicos

- Criar momentos de integração entre família e escola;
- Valorizar a cultura alimentar local com comidas feitas pelas famílias;
- Estimular o senso de pertencimento e corresponsabilidade dos pais com o ambiente escolar.

9.11.1.5 Público de Interesse

Responsáveis dos alunos e alunos.

9.11.1.6 Estratégia de implementação

Para a implementação desta ação, a coordenação deverá, inicialmente, organizar a distribuição das responsabilidades relacionadas ao almoço. A divisão dos alimentos a serem preparados, bem como dos itens complementares, como bebidas, será realizada por meio do grupo de WhatsApp da turma, permitindo uma comunicação ágil e participativa entre os pais. Cabe à escola a responsabilidade de disponibilizar os materiais de apoio necessários, como pratos, copos e talheres descartáveis, garantindo a estrutura mínima para a realização do evento, o qual acontecerá na própria escola. O almoço será realizado em dois dias distintos, separando as turmas do maternal parcial e integral das turmas da pré-escola, possibilitando uma melhor organização e valorizando a participação de todos.

9.11.1.7 Checklist de ações

- Lista de pratos colaborativa distribuída;
- Materiais de apoio adquiridos pela escola;
- Orientações de higiene e segurança repassadas;
- Espaço organizado no dia do evento.

9.11.1.8 Recursos

a) Recursos Materiais

Tabela 18 – Recursos Materiais para Almoço com Famílias

Material	Quantidade	Preço
Pratos descartáveis	200	R\$ 30,00
Copos descartáveis	200	R\$ 8,00
Garfinhos descartáveis	200	R\$ 12,00
Colheres descartáveis	200	R\$ 12,00
Guardanapos de papel	200	R\$ 8,00
Toalha de mesa descartável	5	R\$ 20,00
Sacos de lixo	5	R\$ 4,80
Galão de água 20 L	2	R\$ 20,00
Mesas de Plástico (Aluguel)	60	R\$ 900,00
Cadeiras de Plástico (Aluguel)	200	R\$ 700,00

Total	R\$1.714,80.
-------	--------------

Fonte: Autores (2025)

b) Recursos Materiais

Tabela 19 – Recursos Humanos para Almoço com Famílias

Pessoas	Atividade
Coordenação pedagógica	Organização
Professoras	Mediação no dia do evento

Fonte: Autores (2025)

9.11.1.9 Parâmetros de avaliação

- Bom FeedBack dos Funcionários;
- Engajamento dos pais nas atividades.

9.11.2 Passeio Escolar

Esta ação consiste na realização de passeios pedagógicos com os alunos em pontos estratégicos de São José de Ribamar.

9.11.2.1 Justificativa

Com base na constatação de que a identificação com o território é um elemento crucial para a mobilização social, esta ação tem como objetivo promover o engajamento dos alunos com a cultura, a história e os valores da região de São José de Ribamar.

9.11.2.2 Duração

Frequência de uma vez por mês durante o segundo semestre de 2025.

9.11.2.3 Objetivo Geral

Proporcionar aos alunos uma experiência educativa e cultural por meio da visita a pontos estratégicos do município de São José de Ribamar.

9.11.2.4 Objetivos Específicos

- Aproximar os alunos da história, cultura e religiosidade da cidade;

- Incentivar a valorização do patrimônio local.

9.11.2.5 Público de Interesse

Alunos da escola.

9.11.2.6 Estratégia de implementação

Para a implementação desta ação, será feita uma programação e reserva de locais para visitação, como Locais Históricos e religiosos importantes para o município. Será feito o processo de envio de permissão para os pais. A coordenação dos alunos no dia do evento será feito pelo corpo de funcionários.

9.11.2.7 Checklist de ações

- Organizar os locais que serão visitados;
- Alugar Transporte;
- Produzir termos de permissão;
- Impressão de crachás;
- Acompanhamento por equipe escolar.

9.11.2.8 Recursos

a) Recursos Materiais

Tabela 20 – Recursos Materiais para Passeio Escolar

Material	Quantidade	Preço
Ônibus	1	R\$ 300,00
Lanches para os alunos	60	R\$ 240,00
Água mineral (garrafa 500 ml)	60	R\$ 90,00
Sacos de lixo para descarte	2	R\$ 3,00
Identificação (crachá simples)	60	R\$ 60
Total		R\$ 693,00

Fonte: Autores (2025)

b) Recursos Humanos

Tabela 21 – Recursos Humanos para Passeio Escolar

Pessoas	Atividade
Motorista	Realizar o transporte para os locais selecionados
Coordenação pedagógica	Organização
Professoras	Mediação no dia das visitas

Fonte: Autores (2025)

9.11.2.9 Parâmetros de avaliação

- FeedBack dos Funcionários;
- Presença das Crianças no passeio.

10 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, reconhece-se que este trabalho não encerra em si mesmo, mas deve ser compreendido como o início de um processo dinâmico e contínuo. As ações foram pensadas visando trilhar caminhos para uma comunicação mais eficaz e próxima entre a escola e as famílias, reconhecendo a importância da história, cultura local e do pertencimento como elementos centrais para o fortalecimento dos vínculos, reafirmando a escola como um lugar de afeto.

Ao longo da fundamentação teórica, partindo do olhar das relações públicas e da educomunicação, compreende-se a comunicação não é apenas transmitir informações mas sim uma ferramenta transformadora no contexto comunitário, na formação e na consolidação de laços mais próximos e prósperos. Trazendo o conceito de mobilização social, é notável que ao despertar o sentimento de identificação e corresponsabilidade, as mudanças acontecem de maneira mais consistente e duradoura.

Organizações do terceiro setor, como o Instituto Estrelinhas do Amanhã, enfrentam realidades muito difíceis e complexas, como problemas econômicos e estruturais. Nesse contexto, a comunicação integra como um suporte na articulação e atração para recursos e parcerias e também no fortalecimento da imagem institucional ante a comunidade e a sociedade. Dentro dessa realidade, temos as Relações Públicas Comunitárias, tendo como papel, ouvir,

compreender e integrar, trabalhando com base no respeito à cultura local, no reconhecimento das histórias e das vivências que compõem seu espaço para que a comunicação seja autêntica e eficaz.

Com base nas entrevistas feitas com os funcionários da escola e com os pais e responsáveis, foi possível identificar um problema central: o distanciamento do cotidiano escolar, e isso não se deve por conta do desinteresse mas sim por uma série de fatores sociais, culturais e estruturais que dificultam a participação efetiva, exigindo uma sensibilidade maior ao construir a proposta apresentada, reforçando a ideia que a escola e a comunidade são partes de um mesmo organismo, quando há distanciamento, ambos sofrem, quando há aproximação, todos crescem.

As estratégias desenvolvidas ao longo desta obra, resgata a dimensão simbólica da comunidade, conforme discute Weber, e valoriza os laços afetivos e de solidariedade, descritos por Tönnies e Durkheim. Ainda que em um contexto de globalização e redes sociais, o território ainda assume um papel importante na vida de muitas famílias, principalmente nas áreas periféricas, onde a escola se torna um ambiente de apoio, acolhimento e formação cidadã.

Neste sentido, mais do que apenas oferecer respostas definitivas, reflete-se a necessidade não só da escuta e participação ativa, como também da adaptação constante das estratégias, de forma que estejam alinhadas às reais necessidades da comunidade atendida pelo Instituto Estrelinhas do Amanhã. Que cada proposta de comunicação seja pensada para fortalecer um movimento maior, quando se une a escola e a comunicação, há um viés transformador, sendo a ponte que une sonhos.

REFERÊNCIAS

- ARANTES, Paulo Eduardo.** *Esquerda e direita no espelho das ONGs*. Revista Currículo sem Fronteiras, v. 7, n. 2, jul/dez 2007.
- BAUMAN, Zygmunt.** Legisladores e intérpretes: sobre modernidade, pós-modernidade e intelectuais. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.
- BRASIL.** Lei nº 14.113, de 25 de dezembro de 2020. Regulamenta o Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação (Fundeb)... Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 25 dez. 2020.
- BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO.** Resolução CNE/CP nº 2, de 22 de dezembro de 2017. Institui e orienta a implantação da Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2017.
- BOURDIN, A.** A questão local. Rio de Janeiro: DP&A., 2001. In: **PERUZZO, Cecília; VOLPATO, Marcelo.** Conceitos de comunidade, local e região: inter-relações e diferença. Líbero, São Paulo, v. 12, n. 24, p. 139-152, dez. 2009.
- BUBER, Martin.** Sobre comunidade. São Paulo: Perspectiva, 1987. In: **PERUZZO, C.; VOLPATO, M.** Conceitos de comunidade, local e região: inter-relações e diferença. Líbero, São Paulo, v. 12, n. 24, p. 139-152, dez. 2009.
- CALEGARE, Marcelo; SILVA-JUNIOR, Nelson.** A “construção” do terceiro setor no Brasil: da questão social à organizacional. Psicologia Política, v. 9, n. 17, p. 129-148, 2009.
- CASTELLS, Manuel.** A Galáxia da Internet – reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- CASTELLS, Manuel.** A sociedade em rede. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999. 617 p. (A Era da Informação: economia, sociedade e cultura; v. 1).
- CASTELLS, Manuel.** A sociedade em rede. 13. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2010.
- CASTELLS, Manuel.** O poder da identidade: a era da informação. v. 2. 9. ed. rev. e ampl. São Paulo/Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2018.
- CASTRO, Jacilene.** Práticas marítimas modernas no litoral maranhense: a reconfiguração do litoral dos municípios de Raposa e São José de Ribamar. 2018. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2018.
- CITELLI, Adilson; SOARES, Ismar; LOPES, Maria.** Educomunicação: referências para uma construção metodológica. 2019. p. 13-14.
- COSTA, Eduardo Homem.** A importância da Comunicação no Terceiro Setor. Site Eduardo Homem, Rio de Janeiro, 2007. Disponível em: <www.eduardohomem.com/interno/download/28.pdf>. Acesso em: 15 maio 2025.
- DURKHEIM, Émile.** Da divisão do trabalho social. Tradução de Eduardo Brandão. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999. p. 91.
- FALCONER, Andres.** A promessa do terceiro setor: um estudo sobre a construção do papel das organizações sem fins lucrativos e do seu campo de gestão. 1999. Dissertação (Mestrado em Administração de Recursos Humanos) – FEA/USP, São Paulo, 1999. doi:10.11606/D.12.1999.tde-01072021-161110. Acesso em: 01 ago. 2025.
- FERRARI, Maria Aparecida.** Comunicação intercultural: perspectivas, dilemas e desafios. Comunicação, interculturalidade e organizações: faces e dimensões da contemporaneidade. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2015. Disponível em: <https://www.eca.usp.br/acervo/producao-academica/002731759.pdf>. Acesso em: 01 ago. 2025.

FIGARO, R. Paulo Freire, comunicação e democracia. *Comunicação & Educação*, São Paulo, ano XX, n. 1, p. 11-20, jan./jun. 2015.

GIL, Antonio Carlos. Métodos e técnicas de pesquisa social. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOHN, Maria da Glória. 500 anos de lutas sociais no Brasil: movimentos sociais, ONGs e terceiro setor. *Mediações*, Londrina, v. 5, n. 1, p. 11-40, jan./jun. 2000.

HENRIQUES, Márcio Simeone; BRAGA, Clara Soares; MAFRA, Rennan Lanna Martins. O planejamento da comunicação para a mobilização social: em busca da corresponsabilidade. In: HENRIQUES, Márcio Simeone (Org.). *Comunicação e estratégias de mobilização social*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2004.

KERLINGER, Fred Nicholas. Metodologia da pesquisa em ciências sociais: um tratamento conceitual. São Paulo: EPU, 1980.

KUNSCH, M. K. Relações Públicas comunitárias: um desafio. *Comunicação e Sociedade*, São Bernardo do Campo, v. 6, n. 11, p. 131-150, jun. 1984.

KUNSCH, Margarida Maria Krohling; KUNSCH, Valdemar Luiz. Relações Públicas Comunitárias: a comunicação em uma perspectiva dialógica e transformadora. São Paulo: SUMMUS, 2007.

LIMA, Marcilene Barros. O terceiro setor e a prestação de contas por serviços públicos executados a partir do Decreto 7.592/2011. 2016. 111 f., il. Dissertação (Mestrado Profissional em Economia) — Universidade de Brasília, Brasília, 2016.

LIMA, Manuella Dantas Corrêa; ABBUD, Maria Emilia de Oliveira Pereira. As dimensões da Comunicação Organizacional: um olhar sobre o Terceiro Setor. In: ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, 23., 2014, Pará. Anais... Pará: COMPÓS, 2014. In: PIRES, Karoline. O impacto da Comunicação Organizacional no Terceiro Setor: o caso da disciplina Instrumentos da Comunicação Organizacional (ICO). 2014. Monografia (Graduação) — UnB, Brasília, 2014.

LOURENÇO, N. R. A.; DOS SANTOS. Assistencialismo versus emancipação: o papel do terceiro setor na sociedade atual. *Revista Saber Acadêmico*, v. 12, jun. 2011.

MAFRA, Rennan L. M. Mobilização social e comunicação: por uma perspectiva relacional. *Mediação*, Belo Horizonte, v. 11, n. 10, jan./jun. 2010.

ORTIZ, Renato. Globalização: notas sobre um debate. *Sociedade e Estado*, Brasília, v. 24, n. 1, p. 231-254, jan./abr. 2009.

PAES, José Eduardo Sabo; VALLE, Maurício Dalri Timm do; SANTOS, Júlio Edstron S. O posicionamento estratégico do terceiro setor na atualidade: custeio estatal, particular e o seu papel na democracia brasileira atual. *Revista de Estudos e Pesquisas Avançadas do Terceiro Setor – REPATS*, Brasília, v. 4, n. 2, p. 160–185, jul./dez. 2017.

PAIVA, Raquel. O retorno da comunidade: os novos caminhos do social. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007. p. 31-62. In: PERUZZO, C.; VOLPATO, M. Conceitos de comunidade, local e região: inter-relações e diferença. *Líbero*, São Paulo, v. 12, n. 24, p. 139-152, dez. 2009.

PALÁCIOS, Marcos. O medo do vazio: comunicação, socialidade e novas tribos. In: RUBIM, A. A. (Org.). *Idade mídia*. Salvador: UFBA, 2001. In: PERUZZO, C.; VOLPATO, M. Conceitos de comunidade, local e região: inter-relações e diferença. *Líbero*, São Paulo, v. 12, n. 24, p. 139-152, dez. 2009.

PERUZZO, Cecília; VOLPATO, Marcelo. Conceitos de comunidade, local e região: inter-relações e diferença. *Líbero*, São Paulo, v. 12, n. 24, p. 139-152, dez. 2009.

PIRES, Karoline. O impacto da Comunicação Organizacional no Terceiro Setor: o caso da disciplina Instrumentos da Comunicação Organizacional (ICO). 2014. Monografia (Graduação) – Universidade de Brasília, Brasília, 2014.

QEDU – Educação com Dados. Município de São José de Ribamar (MA). Disponível em: <https://qedu.org.br/municipio/2111201-sao-jose-de-ribamar>. Acesso em: 23 jul. 2025.

RECUERO, Raquel. Redes sociais na internet. Porto Alegre: Sulina, 2009. (Coleção Ciberultura).

SALOMON, Lester, ANHEIER, Helmut. K. & Associates. The Emerging Sector Revisited: A Summary. Baltimore: Johns Hopkins University, 1998.

SANTOS, Lyndon. Itinerários de Pesquisas em Histórias Conectadas. São Luís: EDUFMA, 2023.

SOARES, Ismar. Gestão comunicativa e educação: caminhos da educomunicação. Comunicação & Educação, São Paulo, n. 23, p. 16-25, 2002.

SOARES, Ismar de Oliveira. Educomunicação e educação midiática: vertentes históricas de aproximação entre comunicação e educação. Comunicação & Educação, São Paulo, v. 19, n. 2, p. 15-26, 2014.

THIOLLENT, Michel. Metodologia da pesquisa-ação. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1986.

TOCQUEVILLE, Alexis de. A Democracia na América. Belo Horizonte: Itatiaia/Edusp. 2ª Ed., 1977. In: **FALCONER, Andres.** A promessa do terceiro setor: um estudo sobre a construção do papel das organizações sem fins lucrativos e do seu campo de gestão. 1999. Dissertação (Mestrado em Administração de Recursos Humanos) – FEA/USP, São Paulo, 1999. doi:10.11606/D.12.1999.tde-01072021-161110. Acesso em: 01 ago. 2025.

TÖNNIES, Ferdinand. Comunidade e sociedade como entidades típico-ideais. In: FERNANDES, Florestan (Org.). Comunidade e Sociedade. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1973. p. 96-116.

WARREN, Ilse. Movimentos sociais no Brasil contemporâneo. História, Debates e Tendências, v. 7, n. 1, p. 9-21, jan./jun. 2007 (Publicado no 2º semestre de 2008).

WEBER, Max. Comunidade e sociedade como estruturas de socialização. In: FERNANDES, Florestan (Org.). Comunidade e sociedade: leituras sobre problemas conceituais, metodológicos e de aplicação. São Paulo: Editora Nacional e Editora da USP, 1973. p. 140-143.

YAMAMOTO, Eduardo. A comunidade dos contemporâneos. Galáxia (São Paulo. Online), n. 26, p. 60-71, dez. 2013.

Anexo A: Imagem de Satélite da localização do Instituto

